

Revista da
Reitoria
da Universidade
de Coimbra

Número 19
Trimestral
Janeiro
2008

www.uc.pt/rualarga
rualarga@ci.uc.pt



RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra
DIRECTOR Fernando Seabra Santos
DIRECTOR-ADJUNTO José António Bandeirinha
EDITOR João Mesquita
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro
INFOGRAFIA Maria João Freitas e Sérgio Brito
[GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade]
PRODUÇÃO Isabel Terra, Lúcia Ferreira e Luísa Lopes
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira
EDIÇÃO GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
IMPRESSÃO Litografia Coimbra, S.A.
TIRAGEM 3.500 ex.
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS
CAPA 300 Anos de Lineu
www.uc.pt/rua/larga
Tel. 239 859 823
PONTOS DE VENDA
Quarteto, XM, Livraria/Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

Editorial • Os novos *calónigos de Lamego* • Fernando Seabra Santos • 4

REITORIA EM MOVIMENTO

O Património e o Turismo • António Filipe Pimentel • 6
Universidade e Cultura • José António Bandeirinha • 10

OFICINA DOS SABERES

ACTUAL

O Projecto Mycoarchive • António Portugal • 14
A Biblioteca Digital da Universidade de Coimbra • Carlos Fiolhais • 18
“*Walking on the moon*” • António Olaio • 21

IMPRESSÕES

William Blake no TAGV • Manuel Portela • 25
“*Parede de Segredos*” • Berta Teixeira • 29
Colóquios de Outono • Mobilidade e Fronteiras • Nuno Porto e José Manuel Pureza • 32

ESPAÇO DAS ESCOLAS

O Liceu de Coimbra • Gonçalo Canto Moniz • 36

BREVES

*Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa
homenageiam Miguel Torga* • Maria Manuela Alves da Costa • 42
Colégio das Artes em 2007 - 2008 • 43
Legado de Vandelli • 45
A diversidade da Vida - 300 anos de Lineu • 46

RIBALTA

Grupo de Estudos Monetários e Financeiros • Paulino Teixeira • 47

CIÊNCIA REFLECTIDA

A dor • Marília Dourado • 49

AO LARGO

ENTREVISTA

Giacomo Scalisi • 52

VISITA GUIADA

Perspectiva Histórica da República de Coimbra • Artur Ribeiro • 58

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Seis Poemas de Goa • Liberto Cruz • 62

LUGAR DOS LIVROS

Imprensa da Universidade de Coimbra • 63

TEMAS

Na hora do balanço das Comemorações • Joel Vasconcelos • 66
Névia Vitorino, um dos guionistas da gala • João Mesquita • 70

Os novos *calónigos* de *Lamego*

Fernando Seabra Santos *

No passado dia 15 de Janeiro, cerca de quatro dezenas de professores da Universidade de Coimbra participaram, em Salamanca, numa jornada de trabalho, com vista à preparação de um conjunto de iniciativas que pudessem ser realizadas em colaboração entre as duas Universidades. Retribuíam, desta forma, a visita homóloga a Coimbra, em Outubro de 2007, de uma numerosa delegação de professores da Universidade de Salamanca, na qual se haviam já identificado algumas das mais promissoras áreas de actuação.

Não é comum, nos tempos que correm, que as Universidades se disponham a colaborar de uma forma tão ampla e efectiva, envolvendo nesse processo um número tão elevado de professores ou de recursos. Suponho que dificilmente se encontraria na Europa da mobilidade estudantil e da internacionalização universitária outro exemplo recente de duas universidades que aceitam conhecer-se, visitar-se e projectar-se, partilhando o que têm em benefício de uma estratégia comum. A naturalidade com que tudo se passou radica em muitos séculos de experiência. Não foi senão um reencontro entre velhos amigos.

Reporta a 1242, a primeira referência conhecida de um português cursando Salamanca. Miguel Peres “calónigo de Lamego”, fazia parte do júri nomeado pelo rei para resolver os conflitos entre escolares e habitantes daquela cidade universitária. A partir de 1550 – época de que se conservam sistematicamente os livros de matrículas – até 1640, a média de estudantes portugueses em Salamanca ultrapassa as 500 inscrições por ano, representando, no mínimo 14% da matrícula total da Universidade. Esta presença era particularmente expressiva no que tocava aos estudos médicos, chegando os portugueses a representar, no ano lectivo 1633/34, 64% desses efectivos.

Este intenso relacionamento académico, cujos números nos obrigam a ser moderados no elogio ao êxito das actuais estratégias de internacionalização, não se circunscreve ao sector estudantil. No que toca ao corpo docente, basta recordar os casos do português Aires Pinhel, bacharel por Salamanca, licenciado e doutor por Coimbra, o qual, após leccionar na Universidade de Coimbra, viria a ser lente de prima de Leis em Salamanca; e de Martín de Azpilcueta, lente de prima de Cânones em Salamanca e em Coimbra.

O que quer que façamos hoje, não pode deixar de se reportar a este prestigioso passado. O programa que preparamos é, pois, ambicioso. Em Março, as duas universidades assinarão um acordo de colaboração em quatro áreas: dupla titulação de 1ºs e 2ºs ciclos, mobilidade de docentes e de investigadores, candidaturas conjuntas a programas ERASMUS MUNDUS e actividades de formação em empreendedorismo. A partir de Setembro próximo encontraremos nas nossas Faculdades alguns docentes e estudantes de Salamanca e ao mesmo tempo, alguns de nós retomarão os caminhos percorridos, há séculos, por um *calonigo* de Lamego. As duas Universidades estarão a criar instrumentos que lhes permitam melhor desempenhar a missão para a qual o seu passado irrecusavelmente as convoca: a de constituírem um elo de ligação entre a Europa e o espaço iberoamericano, que tão diligentemente ajudaram, ao longo dos séculos, a criar.

Paço das Escolas, 17 de Janeiro de 2008

* Reitor da Universidade de Coimbra



Reitoria em Movimento

O Património e o Turismo

na Universidade de Coimbra

António Filipe Pimentel *

1. Património, cidadania e riqueza:

No seminário internacional *Património e Sociedade (Heritage and Society)*, levado a cabo pelo IGESPAR, no quadro da presidência portuguesa da União Europeia, nos dias 5 e 6 de Dezembro último, foi renovadamente salientada, perante algumas centenas de participantes dos países membros, a importância estratégica da preservação do património histórico e artístico, a um tempo do ponto de vista da cidadania e da criação de riqueza. Efectivamente, acumula-se de modo insistente a informação que revela nele um dos sectores mais dinâmicos da economia, com índices de crescimento continuamente consolidados e taxas particularmente elevadas de geração de emprego, em torno dele girando, finalmente, o designado turismo cultural, por seu turno, ele também, em contínua progressão. Dados esses, naturalmente, que contribuem para convertê-lo em objecto de uma crescente atenção por parte dos *opinion makers* e dos decisores políticos — e, por essa via, num dos desígnios estratégicos da União.

Contudo, a enorme transversalidade de saberes que mobiliza o seu conhecimento, preservação e eficaz gestão, impõe uma cada vez maior e mais ambiciosa profissionalização dos mecanismos de actuação, que tenderão a evoluir, a curto prazo, para um regime apertado de controlo (certificação), seja dos agentes interventores, seja dos próprios *sítios patrimoniais*. É neste quadro que radica o esforço que, nos últimos anos, a Universidade, através da sua Reitoria, vem desenvolvendo, no sentido

da mobilização e eficaz gestão do seu património histórico (tanto material como imaterial), consciente da obrigação de exemplaridade que lhe incumbe em tal matéria — enquanto Escola e centro produtor de conhecimento(s) —, mas, de igual modo, do poderoso factor identitário que constitui, ao mesmo tempo que da importância estratégica que detém na sua projecção externa.

Aqui assenta, com efeito, desde logo, o esforço desenvolvido na preparação da sua candidatura a Património da Humanidade (UNESCO), esforço em boa parte aplicado na mobilização e organização do conhecimento sobre a dimensão patrimonial da instituição, mas que constitui a necessária plataforma, tanto para uma visão estruturada, como para a definição estratégica de um plano de intervenção na sua preservação. A recuperação do *Laboratorio Chimico* (1ª fase do Museu da Ciência), a reabilitação da Via Latina (que acaba de concluir a sua 2ª fase), a integração da Sala dos Capelos no circuito turístico, através da colocação de portadas nas tribunas (a decorrer no primeiro trimestre de 2008), ou a reabilitação da Torre (de igual modo a levar a cabo no próximo ano) são, assim, a guarda avançada de um plano geral de intervenções que, a poder ser integralmente concretizado, alterará a face (hoje ineficaz e degradada) do designado Pólo I, onde se alberga o coração patrimonial da Universidade.

E é neste quadro, igualmente, que se integra o esforço crescentemente desenvolvido no sentido da



melhoria da divulgação e fruição do património universitário por parte de um turismo cultural que a demanda de modo progressivamente intenso, promovendo a contínua profissionalização dos seus recursos, tanto humanos como técnicos e administrativos: desígnio ambicioso e de longo curso, que se impõe levar a cabo em quadro adverso, seja do ponto de vista financeiro, seja, mesmo, do que decorre dos constrangimentos que um *património vivo* (mas por isso mesmo rico e singular) impõe a uma eficaz fruição turística e a uma gestão profissional e de rigor.

2. O Infotur e o 2º Encontro Anual da Universidade de Coimbra com Agentes e Promotores do Turismo em Portugal:

É neste contexto que se revela da maior importância estratégica a eficaz interacção com os agentes e operadores turísticos, os naturais parceiros da Universidade na melhoria da qualidade dos serviços neste domínio. O *Infotur*, serviço de informação regular, dispendo de caixa de correio, alojado no portal *web* da Universidade, na página destinada aos visitantes e turistas do Paço das Escolas, inaugurado no mês de Outubro, constituirá, também ele, o primeiro passo de um verdadeiro portal do Património e Turismo de mais ampla abrangência.

Por seu turno, em 28 de Novembro, teria lugar, na Reitoria, o 2.º *Encontro Anual da Universidade de Coimbra com Agentes e Promotores do Turismo em Portugal*, dando continuidade a uma iniciativa inaugurada no ano transacto. Reformulada em novos moldes, envolvendo a Região de Turismo, a empresa

T. C. - Turismo de Coimbra e o Museu da Ciência — e culminando com a visita ao Jardim Botânico —, possibilitaria um debate estimulante e criativo, onde participariam representantes de cerca de três dezenas de Agentes e Promotores de Turismo. Dele seria particularmente grato colher a opinião positiva transversal sobre a exemplaridade e o pioneirismo da Universidade nesta (boa) prática, além do vivo interesse pela obra feita e os projectos desvendados.

3. Musealização da Prisão Académica:

Mereceria, por isso, nesse quadro, particular atenção — pelo que significa no âmbito da constituição progressiva de um circuito turístico coerente, susceptível, não somente de eficaz gestão (por parte da Universidade e operadores), mas de propiciar a compreensão correcta da riquíssima história e da complexa morfologia do Paço das Escolas — o projecto de musealização da Prisão Académica, a realizar no decurso de 2008.

Com efeito, disponibilizado ao público o seu espaço desde 2006, ocupando as infraestruturas da Biblioteca Joanina e englobando o vestígios do velho cárcere real do século XIV (único, do seu género, subsistente em Portugal e exemplo raro em toda a Europa), a sua musealização permitirá evocar um dos trechos mais curiosos da vida da instituição, insuspeito não somente de turistas mas da própria comunidade universitária. Nesse sentido, decorrem já os necessários trabalhos de investigação, sobre que deverá assentar o programa expositivo.

* *Pró-Reitor para o Património*



Universidade e Cultura

José António Bandeirinha *

Universidade e cultura são como pregas paralelas de um mesmo tecido, por vezes sobrepõem-se, por vezes permanecem em tensão, conjugam-se no padrão e na textura, confundem-se na representação de si próprias e não se entende muito bem qual a que fica voltada para fora e qual a que fica voltada para dentro. Acima de tudo, não é possível conceber a dimensão segundo a qual se interpenetram senão através do todo, da sua complementaridade inclusiva, só no jogo dos balanços recíprocos e harmonizados é que se pode definir o ponto de equilíbrio através do qual qualquer uma delas está apta a potenciar o sentido da outra. Como tal, ambas se constituem também como reflexo da força dos ventos que sopram num determinado momento. As suas oscilações mútuas resultam, assim, como consequência, activa ou reactiva, dos contextos, são moldadas pela acção dos pensamentos e das práticas dominantes sobre o tecido social.

A actividade cultural no seio da Universidade de Coimbra desenvolve-se de modos muito distintos e em instâncias igualmente diversificadas. Podemos, por exemplo, distingui-la a partir do emissor: desde logo, a actividade desenvolvida pelos estudantes através dos seus fóruns associativos e culturais, com especial relevo para as Secções da Associação Académica e os Organismos Autónomos; depois, a programação cultural externa oferecida pela Universidade à cidade e à comunidade universitária; por fim, a acção em rede, mais ou menos sistemática, que cruza essa programação e gera sinergias com outros promotores, locais ou nacionais, no sentido de ampliar a

oferta cultural da cidade, como um todo mais ou menos coerente.

Mas também podemos diferenciá-la em função da amplitude do seu campo de visibilidade e de atracção, o qual, na maior parte das vezes e nunca de modo linear, se pode associar ao carácter mais ou menos coordenado e profissionalizante da programação e das acções que a integram.

São estas, genericamente, as premissas que dão corpo e coerência à actividade do gabinete de cultura da Reitoria da Universidade de Coimbra. São elas que informam as decisões, é a partir delas que se estabelecem planos e que se delimitam as linhas de actuação.

Transversalmente, porém, cinco projectos de continuidade fazem o seu caminho de articulação com as restantes dinâmicas da vida universitária: — esta revista, a Rua Larga, que tem vindo a consolidar o seu papel de difusão de temas e de ideias no seio da comunidade académica;

— o Prémio Universidade de Coimbra, que tem vindo a galardoar personalidades da vida cultural e científica do Portugal contemporâneo;

— a Semana Cultural da Universidade, grande festa de celebração do aniversário desta instituição viva e mult centenária;

— os Colóquios de Outono que, no início de cada ano escolar, oferecem a discussão fluente e informada de temáticas universais;

— a edição da Agenda Cultural, para divulgar e assinalar a diversidade da oferta cultural no âmbito da Universidade.

Não tanto pela importância relativa, mas mais pela oportunidade, é lícito destacar dois de entre



estes cinco projectos transversais, a Rua Larga e a X Semana Cultural da Universidade de Coimbra. Depois de um período de quase cinco anos de edição com uma regularidade exemplar, pautada por uma magnífica combinação entre conteúdo e imagem, a Rua Larga foi repensada para enfrentar um novo ciclo. Difícil desafio, dada a excelência dos resultados antecedentes, este que ora vos é proposto à consideração. Desafio que só foi possível encarar porque as pessoas que construíram, e constroem, esta revista superaram sempre as expectativas e enfrentam o trabalho com um espírito que está muito para além do mero exercício editorial.

É fundamental recordar aqui os papéis desempenhados quer pelo anterior Pró-Reitor, João Gouveia Monteiro, a quem se deve, em primeira instância, o nível de qualidade que a revista atingiu, quer pela Clara Almeida Santos, que agora deixou a equipa em virtude da sua actividade académica e que foi a grande responsável pela edição de texto, articulando sempre de modo exemplar o profissionalismo da função editorial com a dimensão pedagógica e formativa dessa mesma função. O João Mesquita, recém-cooptado para este projecto, o António Barros, o Ilídio Barbosa, o João Armando Ribeiro, a Isabel Terra e a Luísa Lopes constituem a base de uma equipa alargada, da qual fazem ainda parte os vinte e três membros da Comissão de Acompanhamento, cuja prática continuada foi o principal motor da decisão de reformular esta revista da Universidade de Coimbra. Trata-se, no essencial, de uma reformulação de imagem, que toca ao de leve a

orgânica dos conteúdos e consigna, como desígnio primordial, a manutenção e o reforço da identidade da publicação. A intenção foi expressa, a obra foi concebida, aos leitores caberá tão só avaliar os resultados.

Pelo que diz respeito à X Semana Cultural da Universidade de Coimbra, à intenção de dar a conhecer ao exterior as múltiplas actividades desenvolvidas na Universidade de Coimbra, integrando-as numa convocação comum, corresponde uma programação já devidamente formatada, que conjuga espectáculo, ciência e prática formativa. A comunidade universitária compreendeu cabalmente o sentido desta convocação, aderiu com propostas abertas e enriquecedoras e ajudou a concretizar uma sequência de iniciativas culturais que se pretendem complementares e integradas.

Dentro de muito pouco tempo, no início do mês de Março, o mote “Imaginação” dará, assim, alma a uma semana de actividades que se pretendem vivas e motivadoras. Será, pela certa, uma semana marcada por múltiplos e variados cruzamentos. Cruzamentos entre as actividades propostas pela programação externa e aquelas que surgiram internamente, cruzamentos entre colóquios científicos, espectáculos e exposições, cruzamentos entre a Universidade e a cidade que a acolhe, e, sobretudo, cruzamentos entre as pessoas que são os universitários, os artistas e os públicos.

É essa a animação que se espera, é essa, sobretudo, a festa que é devida para comemorar o 718.º aniversário da Universidade de Coimbra.

** Pró-Reitor para a Cultura*



Oficina dos Saberes

ACTUAL

IMPRESSÕES

ESPAÇO DAS ESCOLAS

BREVES

RIBALTA

CIÊNCIA REFLECTIDA

O Projecto Mycoarchive

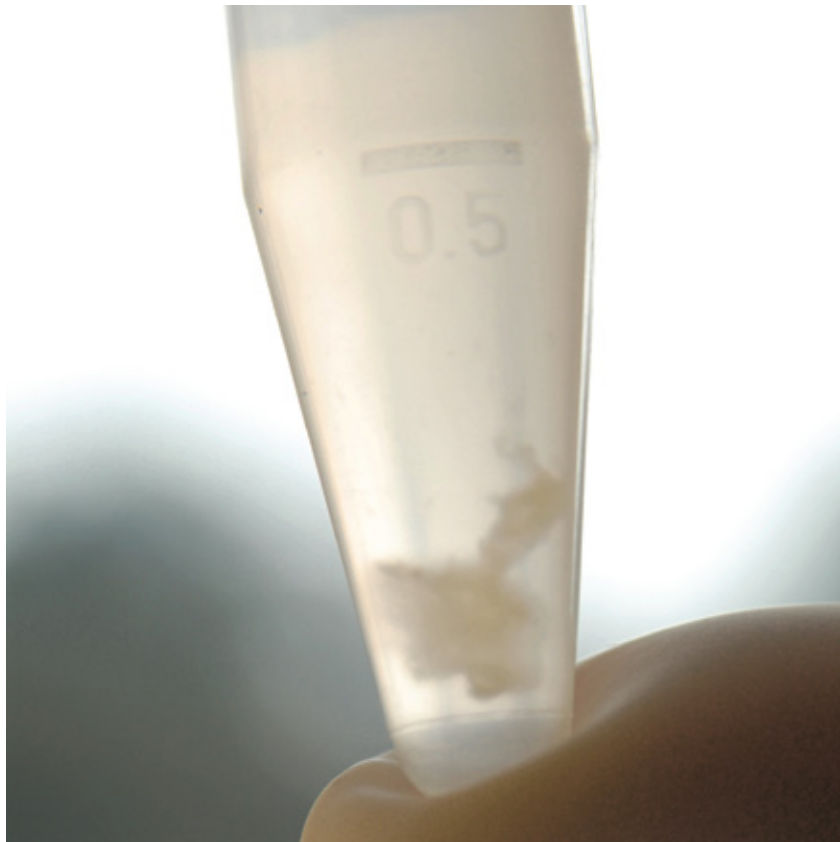
interdisciplinaridade entre património arquivístico e micologia

António Portugal*

O projecto Mycoarchive (III/AMB/12/2005) — *Identificação e controlo de fungos infectantes de documentos bibliográficos. Importância para a conservação e restauro do património arquivístico* — foi financiado pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra e teve início em Novembro de 2005, prevendo-se o seu término em Abril de 2008. É, no entanto, um projecto que continuará devido à sua importância intrínseca e também ao nosso próprio interesse e gosto em fazer investigação científica nesta área. É uma área do conhecimento peculiar, interdisciplinar, que aglutina e integra conhecimentos de biologia molecular, taxonomia de fungos, física de radiações e património documental, com o objectivo de os aplicar à conservação e restauro desse mesmo património. O projecto está a decorrer no Departamento de Botânica da FCTUC e em parceria com o Arquivo da Universidade de Coimbra onde se encontra a “matéria-prima” para o nosso estudo. Também pensamos, num futuro próximo, alargar este projecto à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

O projecto Mycoarchive tem como objectivos fazer o levantamento, identificação e controlo de fungos infectantes de diversos documentos bibliográficos em diferentes tipos de suporte. A identificação dos fungos infectantes é feita com base em técnicas de biologia molecular, centradas no estudo do DNA genómico por sequenciação e posterior comparação com bases de dados, sendo complementada com técnicas de mi-

-croscopia que visam a confirmação morfológica. Esta identificação permitirá relacionar diferentes grupos de infecção com diferentes tipos de suporte de documentos. Entre os microrganismos que deterioram o material arquivístico destacam-se os fungos, sendo considerados o grupo de microrganismos de maior risco para as bibliotecas e arquivos. As condições de temperatura e humidade relativa existentes nos arquivos possibilitam o estabelecimento e desenvolvimento de um leque muito vasto de espécies fúngicas, quando comparado por exemplo com bactérias, até porque muitos fungos requerem menor humidade relativa que muitos outros microrganismos. Os fungos são extremamente adaptativos às mais variadas condições ecológicas e uma vez estabelecidos nos seus microclimas tendem a manter-se por longos períodos de tempo. Ora, os documentos bibliográficos proporcionam esses microclimas e fornecem os nutrientes requeridos. Os fungos participam na degradação de muitos produtos naturais e não naturais, segregando enzimas do tipo celulasas, proteases e ácidos, consumindo, por exemplo, celulose, lenhina e outros polímeros vegetais, causando danos irremediáveis ao papel. Outros degradam constituintes dos livros como o couro, colas, pastas e adesivos, bem como a própria tinta, provocando danos estruturais nos documentos ou descoloração, impossibilitando em variados casos a leitura do texto, contribuindo para o fenómeno apelidado de *foxing*.



Por acção também de proteases, os fungos atacam as proteínas da pele podendo degradar as encadernações e tornar os pergaminhos mais finos e translúcidos. As tanases segregadas por muitas espécies provocam a quebra dos galotanatos das tintas e os pigmentos por vezes excretados para o exterior contribuem também para o *foxing*. A própria acidificação do papel, mais premente em muitos papéis modernos de baixa qualidade, contribui em si mesma para o desenvolvimento de fungos.

Espécies que resistem anos e anos

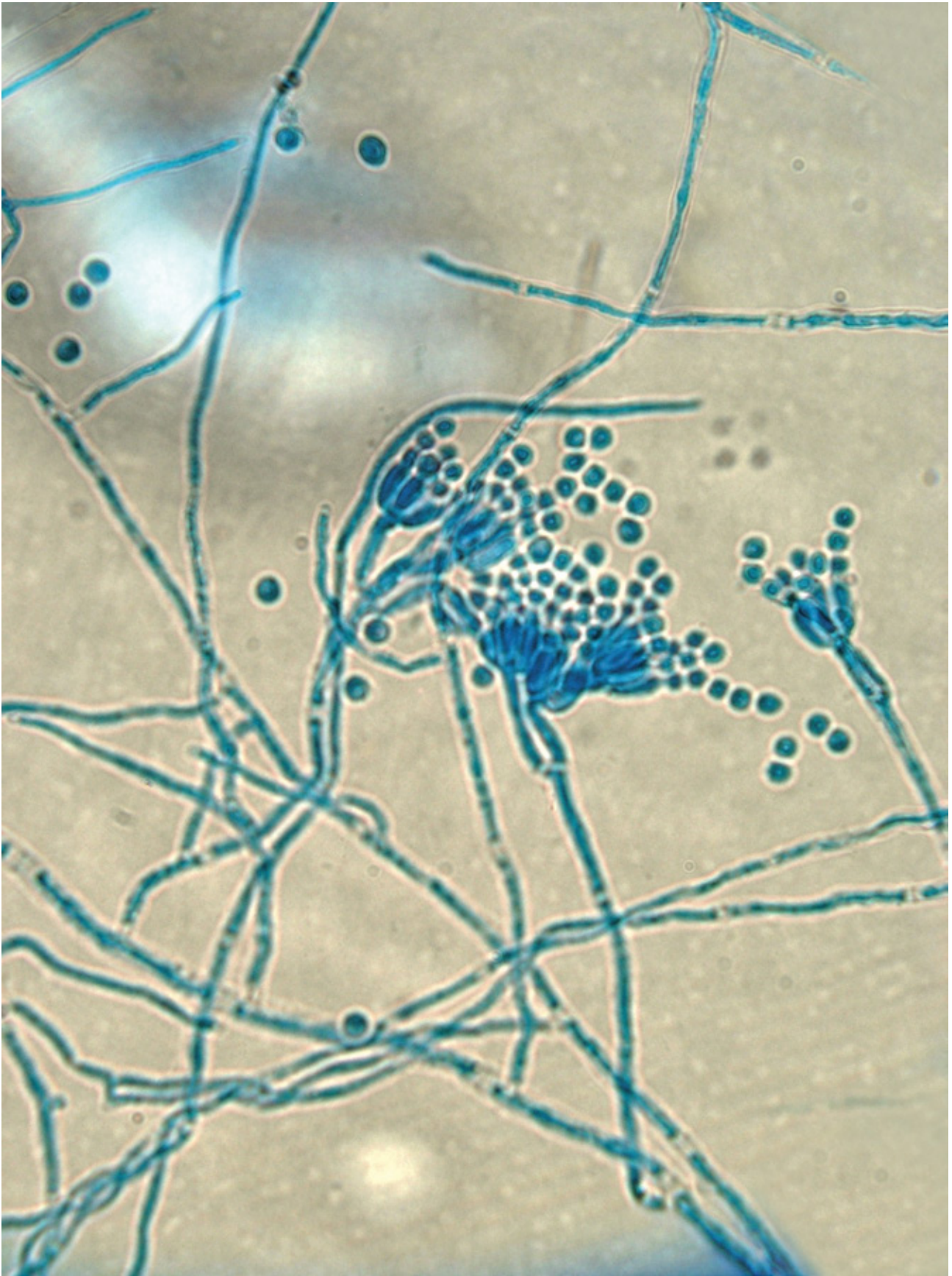
Algumas das espécies que já encontramos nos documentos em estudo, como registos antigos de contabilidade da nossa Universidade ou Apostilas dos Lentes, pertencem aos géneros *Penicillium*, *Aspergillus*, *Cladosporium*, *Alternaria* (potencialmente patogénicos!), entre outros, que encontram no papel um excelente substrato para colonizarem, podendo resistir e sobreviver durante anos a fio. Se há algum grupo de organismos que se possa considerar Lamarckiano, esse será o Reino *Fungi*. São organismos

fantásticos, do ponto de vista ecológico, genético, bioquímico...

Paralelamente, estão a ser desenvolvidas em laboratório estratégias de controlo desses fungos infectantes, através de meios físicos (radiação gama) seguros para os documentos e utilizadores. Esta tarefa está a ser executada com o inestimável apoio do grupo de Tecnologias de Radiação, Processos e Produtos, do Instituto Tecnológico e Nuclear, onde temos vindo a receber formação e onde temos desenvolvido algumas experiências.

Pensamos que o projecto Mycoarchive constituirá uma base sólida para a investigação da infecção por fungos e desenvolvimento de estratégias adequadas para o seu controlo em documentos bibliográficos, que afecta numa dimensão considerável o Arquivo e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, sendo pioneiro na nossa academia e no nosso país. O projecto pode ainda constituir uma base de aplicação deste tipo de abordagem a outros materiais e a outras áreas da arte, como sejam esculturas, telas, quadros, frescos, fotografias ou mesmo edifícios.

** Departamento de Botânica-FCTUC • Investigador Responsável pelo projecto Mycoarchive*



A Biblioteca Digital

da Universidade de Coimbra

Carlos Fiolhais *

A Universidade de Coimbra, detentora de um vasto e rico espólio bibliográfico e documental, tem em curso o processo de digitalização de uma parte importante dele, permitindo aceder de todo o lado aos respectivos conteúdos. Dois projectos apoiados com fundos de Plano Operacional do Ministério da Cultura (*Biblioteca Geral Digital e Biblioteca Joanina Virtual*), estão em fase de conclusão. Também as Bibliotecas da Faculdade de Direito e do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia iniciaram a digitalização dos seus fundos antigos. Para prosseguir o trabalho anterior e aumentar a visibilidade da Universidade na *Internet*, a Reitoria criou recentemente um projecto conducente à *Biblioteca Digital da Universidade de Coimbra*, que é numa primeira fase um trabalho de colaboração entre as Bibliotecas Geral, da Faculdade de Direito e da Faculdade de Letras gerido pelo Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra. Numa segunda fase do projecto haverá inclusão de bibliografia de outros sectores da Universidade.

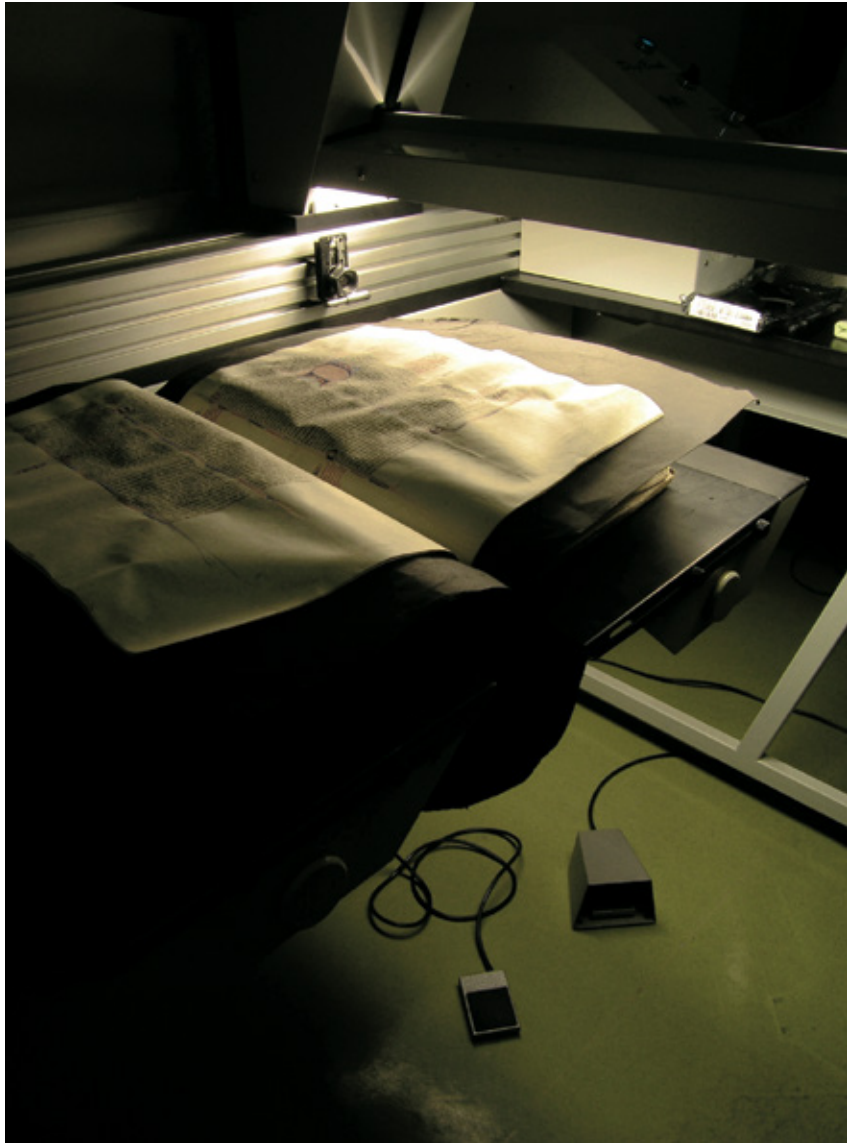
Inovação a nível nacional

O objectivo do projecto *Biblioteca Geral Digital* era a digitalização, tratamento técnico e afixação de cerca de 58.800 imagens, deixando ainda cerca de 50.000 imagens para afixar na *Internet* em fase pós-projecto (perfazendo o total de cerca de 600 obras). Não se tratava apenas de criar uma

biblioteca digital, mas também de criar “know how” na área, criando as rotinas necessárias para o desenvolvimento de uma biblioteca virtual. Foi adquirido equipamento de preservação digital, constituído por um conjunto servidores que asseguram adequada manutenção das imagens. A Biblioteca Geral proporcionou a realização de acções de formação, que foram frequentadas por técnicos superiores da equipa do projecto e por funcionários de outras bibliotecas.

A parte mais inovadora do projecto é a criação de uma plataforma que permita a pesquisa dos Catálogos de Manuscritos e de Miscelâneas da Biblioteca Geral. Para isso, os catálogos impressos foram submetidos a um processo de reconhecimento óptico de caracteres, que foi enriquecido por duas operações: a etiquetagem manual de autores, títulos, datas, locais, etc. e a sua indexação automática. Isso vai permitir a pesquisa no texto dos catálogos não só por palavras-chave (como no *Google*) mas também por cada um dos elementos indicados. Trata-se de um trabalho inovador a nível nacional que, além do mais, está bem articulado com o sistema *Millennium* que serve todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra.

Por outro lado, está a terminar a construção da *Biblioteca Joanina Virtual*, que visa criar um sítio e um DVD com um ambiente virtual daquela biblioteca, enriquecendo a candidatura em curso



da Universidade a Património Mundial da Humanidade. Esse instrumento permitirá uma melhor divulgação de um local simbólico do Paço das Escolas e do extraordinário património que ele alberga. O sítio e o DVD proporcionarão a visualização integral de 21 obras das mais raras da Biblioteca Geral, o que implicou a digitalização e tratamento de 9.507 imagens. Foram produzidas mais 17.852 imagens para integrar numa fase pós-projecto.

As obras escolhidas no conjunto dos dois projectos foram os incunábulos que não existiam em mais nenhuma biblioteca portuguesa (123 obras), toda a tipografia coimbrã do século XVI (108 obras) e parte da do século XVII (24 obras), impressos musicais (50 obras), alguns álbuns de Piranesi, todos os códices iluminados, as plantas pombalinas e a maioria dos manuscritos científicos, alguns literários e alguns musicais. Entre as publicações periódicas, sobretudo jornais antigos de Coimbra, estão 47 títulos completos. Exemplos de documentos digitalizados são várias bíblias latinas do século XIII manuscritas, a Bíblia de Abravanel (bíblia hebraica do século XV), a “*Nova Astronomia...*”

de Cristóvão Borri, a “*Discrittione et historia de l’ Isole Canarie...*” (um manuscrito ilustrado) de Leonardo Torriani, a “*Carta portulano*” de Diogo Homem (carta do século XVI) e ainda algumas primeiras edições que são marcos da cultura portuguesa: a “*Peregrinação*” (1614), o “*Só*” (1892), a “*Mensagem*” (1934), etc. A estes recursos digitais acrescem outros, que tinham sido produzidos antes (como a edição original de “*Os Lusíadas*”) e que foram unidas num quadro comum.

Os dois projectos guiaram-se sempre pelo princípio da boa colaboração institucional, nomeadamente com a Biblioteca Nacional de Portugal, não repetindo obras já digitalizadas.

Está a decorrer o concurso da *Biblioteca Digital da Universidade de Coimbra*, que permitirá, além da aquisição de equipamento adicional, adicionar a curto prazo aos resultados dos dois projectos referidos mais 120.000 imagens. A sinergia entre várias bibliotecas, que é possível mediante a estreita cooperação entre os bibliotecários envolvidos, permitirá economizar recursos e apresentar resultados de um modo padronizado.

Ver <http://web.bg.uc.pt/Bibliotecadigital>

* Director da Biblioteca Geral e do Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra

“Walking on the Moon”⁽¹⁾

A experiência plástica no ensino da arquitectura

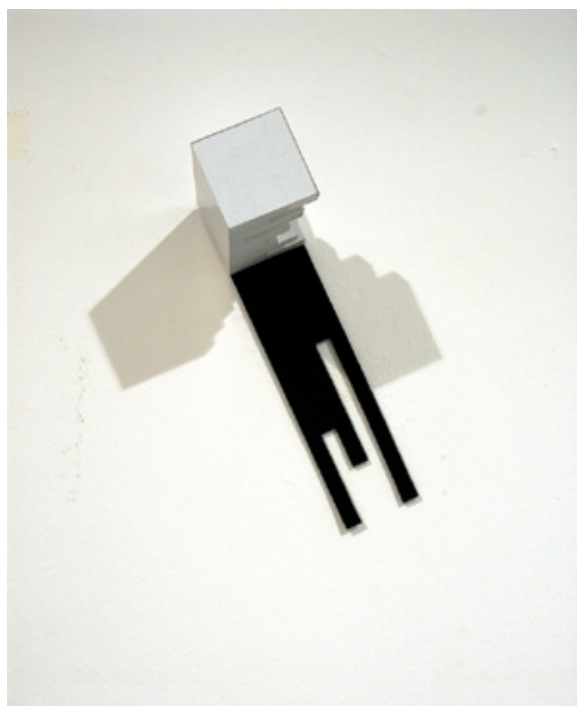
António Olaio *

Considerando que a arquitectura, na sua relação com a utilidade, terá necessariamente de caminhar com os pés na terra, aqui imaginamos a possibilidade de andar sobre a Lua. A experiência de uma força de gravidade consideravelmente menor, certamente tornará bem mais interessante um regresso à Terra, numa arquitectura útil mas com uma qualidade estética acrescida das potencialidades de quem já experimentou a Lua.

Foi assim que, em 2006, apresentámos o título *Walking on the Moon*, na primeira exposição concebida com os alunos de Desenho II do curso de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra para o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC). Sendo tradicionalmente um espaço de apresen-

tação de arte contemporânea, mas também de produção e reflexão e em torno da produção plástica, o CAPC encontrou nessa exposição motivação suficiente para nos reservar este espaço, previsivelmente, por vários anos. O interesse que o CAPC demonstrou em relação ao trabalho desenvolvido por estes alunos reconhece nele potencialidades que ultrapassam o mero interesse académico. São sobretudo as potencialidades destes trabalhos enquanto experiência estética que motivarão estas exposições. E *Walking on the Moon* já não é só um nome de uma exposição, mas do acontecimento que, anualmente, terá lugar no CAPC, lugar cativo para apresentação destes nossos projectos.

A forma como encaramos o ensino do desenho





neste curso de arquitectura passa frequentemente por estratégias comuns às das artes plásticas, encarando o espaço da aula como um laboratório, encarando o fazer enquanto instrumento e objecto de reflexão. Enquanto lugar de aprendizagem, a disciplina de Desenho II também é lugar de experiência, de experiência artística, e é nesse sentido que os nossos alunos participam nesta exposição. Não sei se será considerar uma possível condição de artistas que leva o CAPC a expor os seus trabalhos mas, sem dúvida, será a capacidade que estes alunos têm de produzir arte, respondendo aos reptos que lhes são lançados, onde o colectivo surge da diversidade das expressões individuais.

Silhuetas e sombras dominam

Em *Walking on the Moon* 07, exposição de Novembro de 2007, as silhuetas e as sombras eram as presenças dominantes, sendo, ao mesmo tempo, assunto e pretexto. E as três salas do CAPC que, sendo espaços de exposição, se apresentavam como espaços cénicos:

Na primeira sala, a exploração formal da metamorfose de silhuetas em exercícios em que as formas se dissolviam na exploração plástica da composição. Tendo origem em representações de ramos, flores, folhas, destes retinham sobretudo o seu potencial plástico, em processos de sucessivas metamorfoses, para novas realidades formais.

Na segunda sala, um exercício cenográfico, sugerindo metaforicamente a mutabilidade das formas, pelo movimento, pelo vento, produzido por uma ventoinha, artifício que aqui substituiu a natureza. E, na terceira sala, as relações entre as formas e as suas sombras, pequenos volumes arquitectónicos brancos imaginando e materializando a sua sombra projectada. Aqui, o jogo consistiu sobretudo nas relações entre o objecto e a sua sombra, investindo

nas surpresas criadas ao autonomizar objecto e sombra, encarando estas sombras como lugar de citação, sugestão, articulação de múltiplas realidades. E a montagem de pormenores de desenhos na citação formal de uma narrativa BD onde, em grande formato, uma página seria uma parede inteira, em jogos entre mãos e sombras que sublinhavam, assim, a manualidade pelo seu próprio potencial simbólico, na ideia de desenho enquanto artefacto e pensamento.

Na relação entre um objecto e a sua sombra, explorámos a poética da relação entre a tridimensionalidade e a abstracção das suas projecções bidimensionais, entre a materialidade objectual e o seu rasto imaterial. Aqui não tratámos da representação racional das sombras, como o faria a geometria, mas sim a dimensão simbólica de sombra que seriam elas próprias uma outra realidade, não se submetendo ao objecto que as origina e reclamando a criação de outros lugares. E o desenho afirma a sua dimensão mental num espaço de imponderabilidade, onde as coordenadas se dissolvem na maximização das potencialidades plásticas.

Na consciência de que estas exposições serão certamente mais do que experiências que se acumulam, prevemos as *Walking on the Moon* 08, 09 ..., como geradoras de novas situações que ambicionarão um dia a uma leitura produtiva nas reflexões sobre as relações entre as artes plásticas e a arquitectura, nos campos de possibilidades que se abrem quando, na arte, na arquitectura, pensamos fazendo coisas.

(1) Exposição concebida pelos docentes de Desenho II, correspondendo maioritariamente a trabalhos do ano lectivo 2006-2007, em que foram docentes António Olaio e Pedro Pousada (responsáveis pela concepção e montagem da exposição) e Teresa Pais.



Atelier do Corvo
*Sete representações possíveis
em torno da escada de Jacob*
2007

William Blake

no Teatro Académico de Gil Vicente

Manuel Portela *

Com o ciclo «Blake no TAGV», que decorreu entre 6 e 28 de Novembro de 2007, o Teatro Académico de Gil Vicente celebrou a obra do artista inglês William Blake (1757-1827), no ano em que se completaram 250 anos sobre o seu nascimento. «Blake no TAGV» constituiu um ciclo interdisciplinar, que abrangeu de forma integrada a maior parte das áreas de programação do Teatro: exposições, teatro, música, multimédia, cinema e debates. O TAGV contou ainda com a colaboração da Rádio Universidade de Coimbra, na montagem e difusão de um conjunto de traduções de poemas de William Blake e de composições musicais baseadas na sua obra. Enquanto produção original e exclusiva, «Blake no TAGV» representou também um modelo de relação dialéctica entre criação e programação, que procurou realizar a dimensão especificamente universitária do TAGV, mobilizando um conjunto de saberes científicos e artísticos. No âmbito deste ciclo estrearam-se duas co-produções do TAGV: «Uma Ilha na Lua», pela Camaleão, com a Orquestra Clássica do Centro; e «As Portas da Percepção», pela Marionet.

Realizou-se também a exposição «Sete Visões de William Blake», resultado de uma proposta feita a sete artistas: António Olaiio, Armando Azevedo, Atelier do Corvo, Emanuel Brás, Gilberto Reis, Pedro Pousada e Teresa Amaral, que deveriam criar novas obras a partir de gravuras de William Blake. É este conjunto de iniciativas que é aqui brevemente evocado, através dos dois espectáculos referidos e da instalação «Sete representações possíveis em torno da escada de Jacob» (uma das sete obras criadas para aquela exposição).

1. Visão visionária

Num certo sentido, as visões de William Blake são criações multimédia e intermédia. Ao combinar desenho, gravura, tipografia e pintura, Blake procurava um meio adequado para ligar a materialidade da escrita e a materialidade do desenho. A gravura impressa iluminada é esse meio intersemitótico que desfaz a divisão entre reprodução tipográfica, reprodução gravada e original desenhado e pintado. Daí que o visionarismo da sua efabulação mitológica tenha equivalente na experimentação tecnológica que ocorre na oficina do gravador. As imagens arrancadas à chapa pelo ácido nítrico são um correlato das imagens arrancadas à mente pelo delírio poético. Para o leitor, umas e outras tomam a forma intermédia do texto visual, situado entre a plasticidade icónica do desenho e a plasticidade abstracta da letra e da língua. O desejo de limpar a percepção, extirpando-a dos pré-condicionamentos que limitam os seres humanos, manifesta-se nessa concepção da imagem como revelação do mundo.

2. «Uma Ilha na Lua»

O texto de partida d' «Uma Ilha na Lua» é uma obra inacabada e incompleta, constituída por um conjunto de diálogos e canções sem um nexo óbvio, a não ser o facto de constituírem paródias da conversação de homens e mulheres burgueses nos serões literários e musicais dos círculos londrinos frequentados por William Blake na penúltima década do século XVIII. Nas conversas e canções afloram temas como a educação da



Atelier do Corvo
Sete representações possíveis
em torno da escada de Jacob
2007

criança, a ciência moderna, as relações entre sexos, a moda ou a religião. Através de um grupo singular de habitantes da lua, cujos nomes alegóricos tipificam as personagens, são postas em cena, por vezes de forma absurda, um conjunto de práticas artísticas, educativas, religiosas e científicas.

Trata-se, de certo modo, de um *talk-show* do século XVIII, em que a conversação pública tem lugar nos salões polidos onde a burguesia pratica a troca de ideias. No texto de Blake surgem lado a lado o laboratório químico, o púlpito, a sala de aula e a sala de estar, numa espécie de *zapping* sobre os tópicos de conversa que faziam a agenda do dia. As personagens incluem filósofos, matemáticos, arqueólogos, cirurgiões, químicos. Fazem-se experiências, especula-se, bebe-se e canta-se.

O trabalho criativo de Joaquim Pavão (compositor) e de José Geraldo (encenador) consistiu, sobretudo, em amplificar a dimensão de pastiche e paródia contida no original. A amplificação da dimensão fragmentária do original, por exemplo, é visível no modo como as canções interrompem os diálogos, e vice-versa. Esta interrupção ocorre, de resto, internamente em cada voz — já que as vozes, cantadas ou faladas, se desdobram e se multiplicam. Em certas árias, baixo e soprano dividem o texto entre si, sobrepondo à lógica dramática a lógica musical da combinatória tonal da partitura. A tensão entre a incoerência dramática (isto é, a natureza deliberadamente fragmentária e incompleta do original) e a coerência musical (isto é, a enunciação, desenvolvimento e reenunciação dos temas, por vezes retomados nas várias partes, segundo uma arquitectura em que é visível a progressão em direcção a um todo), constitui uma das singularidades do espectáculo concebido por José Geraldo e Joaquim Pavão.

3. As Portas da Percepção

O espectáculo *As Portas da Percepção*, uma criação da Marionet, com direcção artística de Mário Montenegro, parte de uma colagem de excertos de sete livros de William Blake: *O Casamento do Céu e do Inferno* (1790), *O Livro de Thel* (1789), *O [Primeiro] Livro de Urizen* (1794), *A Canção de Los* (1795), *O Livro de Ahania* (1795), *Visões das Filhas de Albion* (1793) e *Cantigas da Inocência e da Experiência* (1794). O prólogo é composto por uma «Visão Memorável» da tipografia infernal e o epílogo é constituído pelo poema «A Rosa Doente». Entre um e outro momento vemos as cenas com Thel, Urizen e Los, Enitharmon e Orc, Ahania, e, por último, Oothoon, Bromion e Theotormon.

Apesar de uma estruturação dialéctica, recheada de forças e impulsos contrários, e da existência de diálogos e de acções descritas de forma narrativa, os textos de William Blake não se prestam facilmente a uma leitura cénica. O seu dramatismo parece ser, sobretudo, de ordem visual e verbal. Por isso se deve sublinhar a criatividade da Marionet, que é manifesta a vários níveis: desde logo, numa definição clara das personagens, capaz de as diferenciar entre si e de transmitir os vários matizes dos seus conflitos interiores nos momentos dramáticos da narrativa de cada uma. Vemos Thel interrogando-se sobre a natureza do desejo sexual e sobre o seu destino de mulher mortal. Vemos Oothoon lamentando-se por ter sido rejeitada por Theotormon. Vemos Los a criar o sol e a acorrentar Urizen.

Da fantasmagoria do universo imaginado por Blake, a Marionet conseguiu extrair o intenso dramatismo que sustenta esta leitura cénica, cuja dimensão plástica e intermédia se deve sublinhar. Tanto mais que o texto é seguido *ipsis verbis* e as imagens das gravuras de William Blake são

incorporadas nas marcações e posturas cénicas assumidas: em cada um dos quadros da peça há posições e movimentos dos actores que são recriações das gravuras (por exemplo, nas posições corporais de Thel, de Urizen, de Los, de Theotormon, d'as filhas de Albion, etc.), como se um determinado momento da peça pudesse ser parado e transformado numa das imagens dos livros, ou como se imagens dos livros pudessem ganhar movimento e dar a ver, sobre o palco, a sequência de movimentos anterior ou posterior àquela que a gravura fixou. No conjunto cénico das diversas materialidades que compõem o espectáculo (corpo e voz, luz, coreografia, música digital, poesia, imagem sintética, etc.), «As Portas da Percepção» consegue revelar-nos até que ponto é ainda possível ler a obra de William Blake, resignificando-a e oferecendo a uma nova percepção as formas imaginárias nela contidas.

4. Uma escada da terra ao céu

Uma escada da terra ao céu — o sonho de Jacob (*Génesis*, 28: 12) — é a visão que Carlos Antunes/ Atelier do Corvo nos propõe do desenho de William Blake («Jacob's Dream», c. 1805) para a sua própria visão. A escada sobe em espiral, erguendo-se nos céus em direcção ao resplendor da divindade, que surge como um disco solar no plano superior da aguarela. Grupos de figuras cruzam-se, subindo e descendo as escadas: anjos alados; duas figuras com cântaro e tabuleiro à cabeça; grupos de mulheres e crianças; crianças conduzidas

pela mão ou levadas aos ombros; todos parecem trocar olhares, palavras e abraços, quando se cruzam na felicidade desses movimentos ascendentes ou descendentes. Aos pés da escada, Jacob dorme deitado sobre a terra, a cabeça pousada numa pedra. A visão onírica, isto é, a imagem produzida durante o sono, é uma das formas que a visão interior assume nos poemas e nos desenhos de William Blake.

Enquanto dispositivo capaz de induzir imagens, simultaneamente perceptivas e aperceptivas, a instalação permite observar e experimentar interiormente a faculdade de imaginar, isto é, de criar imagens do que não existe, ou do que ainda não existe, a não ser como assombro ou desejo de criar dentro do sujeito. Carlos Antunes/ Atelier do Corvo, no seu desejo febril de imaginar, passa da ideia de escada para a materialidade do objecto — transformado em escultura auto-referencial de madeira, ferro e vidro —, e da materialidade do objecto para as escadas visionárias de Blake e de Jacob: a escada que permite colocar em contiguidade substância humana e substância divina. O cedro invertido (copa no chão e tronco no ar) é a árvore-escada que coloca o céu na terra e a terra no céu, realizando metaforicamente o sonho de Jacob.

Mais ainda do que representar a escada, aquilo que «Sete representações possíveis em torno da escada de Jacob» torna possível representar, é a faculdade de imaginar e aquilo que, na sua forma particular de desejar o mundo, une a terra e o céu.

* *Director do TAGV*

“Parede de Segredos”

instalando poesia

Berta Teixeira

“Parede de Segredos” é um projecto transdisciplinar de ênfase teatral. O objecto estético “parede” deseja-se alcova, ponto de encontro e zona de fé. Ele é limite, canal de passagem e horizonte. Ele impede e potencia.

Na investigação preliminar para a concepção do dispositivo cénico dedicou-se especial atenção às diferentes perspectivas e contribuições que têm vindo a ser desenvolvidas nos domínios da sustentabilidade e das relações entre estrutura, forma e requisitos artísticos, nomeadamente ao modo como tem sido procurada a identificação e compreensão dos factores invisíveis, e por isto «indizíveis», que estão associados a tipos específicos de relações convocadas numa cultura do movimento para a obtenção de qualquer forma. Foram identificadas sete grandes áreas de atenção: as dinâmicas de interface entre o trabalho de arquitectura/engenharia e a construção de cena; a forma como se procuram soluções técnicas que transcendam certas exigências artísticas muitas vezes complexas e onerosas; a concepção informal das variações possíveis de estrutura liberta de códigos e de referências consagradas; a compreensão da regra como corolário da “pesquisa do desalinho”; o jogo com os elementos clássicos de estrutura como predicado de criação de novas formas e de encenação do movimento; a exploração dos números e de ritmos numa atitude de hibridação; as ligações estreitas entre ciência e a arte no entendimento da génese da forma. Alguns poemas de *Folhas Caídas* (Almeida Garrett) funcionam como guião, linha de pensamento e de criação do ambiente performativo. Deles se

constrói uma personagem na figura da “Amante”, da qual derivam três outras personagens: “Encoberta” é o excesso mítico pelo amado criado, um ser ofuscado que não tem verbo próprio, um enigma, um desejado desconhecido que por isso mesmo “é a imagem da ignorância a respeito de si, reflectida num espelho complacente (Boaventura de Sousa Santos)”. “Descoberta” é, sem mágoa nem perdão, a auto-descoberta da sua identidade em curso: o processo de identificação e edificação deste renovado velho ser é plural, pouco rígido, mutável, transitório e fugaz, sem por isto deixar de ser genuíno. Este processo traduz negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades e sobreposição de espaços. “Felizberta”, reinventando a gramática e a arquitectura do tempo, apropria selectiva e responsabilmente identidades alegóricas como a “Liberdade”, a “Utopia”, e a “Zona” (“LUZ”) que reconfiguram uma possível recontextualização de uma identidade/prática da condição humana, assente na reformulação “guerraz” das relações entre vínculos binários tomados como mais sólidos: o eu e o outro, o feminino e o masculino, o amor e o ódio, a guerra e a paz.

Deixar de silenciar os outros

Pela metáfora constante e pelo uso da figura relativa à expressão do pensamento, a preterição — a qual consiste em enunciar que não se versará sobre um determinado assunto, quando na realidade é dele mesmo que estamos a tratar — daremos voz (enquanto prolongamento de um corpo) a se-

res que amiúde e apenas pela versão do nosso testemunho se nos apresentam como reais. Eles existem numa obliterada presença-ausência, porque “nós” achamos poder ser ou tê-los a “eles”, sem que por isso eles nunca venham a ser nem ter-nos a “nós”. Se uma das preocupações da modernidade nasce com a identidade, enquanto indivíduos de subjectividade e sujeitos sociais devemos insistir em deixar de os silenciar — aos “outros” que muitas vezes podem ser partes de «nós» próprios —, de ofuscar a sua visibilidade, em suma, de os trivializar mantendo-os em quase segredo.

(Re)inventar um guião de vida não é mais do que recuperar outras vidas escritas, descritas, inscritas nas mais variadas superfícies, registos e corpos. O incitamento ao colectivo pelo resgate dos múltiplos “eus” emancipatórios e, por fim, a poética da língua portuguesa como mecanismo de consolidação das várias democracias, políticas, sociais, culturais e artísticas é, para a direcção artística, argumento incomensurável para a realização do evento.

O projecto vem sendo apoiado por entidades consolidadas no plano técnico-profissional, logístico e de programação e promoção de actividades artísticas. A saber: Fundação Calouste Gulbenkian (Apoio a Novos Encenadores), Centro Nacional de Cultura (Jovens Criadores 2006), Teatro Académico Gil Vicente (estreado a 23 de

Outubro de 2007), Reitoria da Universidade de Coimbra e a entidade Lugar Comum – Centro de experimentação Artística do Clube Português de Artes e Ideias, etc. Estamos em acreditar que este pode ser um exemplo de cidadania cultural.

Um depositário de poesia

A peça-instalação “Parede de Segredos”, partindo da poesia de Almeida Garrett, procura instigar a vontade de outros (poetas) contarem os seus segredos. Uma pré-instalação (um módulo da instalação total) vem funcionando como um depositário de poesia que visa potenciar uma, se não nova, pelo menos, inclusiva manifestação estético-expressiva, que ultrapassa a língua/linguagem própria a cada participante. Esta pré-instalação torna-se igualmente promotora dos momentos performativos vindouros na carreira de itinerância do evento “Parede de Segredos”. Nestes, instalar poesia no palco é convidar o público/visitante à cena.

“Instalar” poesia é convocar também, pela interacção, conteúdos emotivos e simbólicos que extrapolam a presença do *performer* e a materialidade do objecto estético “parede” — concebido a partir de princípios tão mais poderosos quanto mais abstractos. Reconfigurar a Humanidade é resgatar a função do poético nas suas constelações entre artes, ciências-saberes e tecnologias.



Colóquios de Outono

Mobilidades e Fronteiras

José Manuel Pureza* e Nuno Porto**

“Desde a escala mundial, que nos oferece uma mobilidade extrema mas que, paradoxal e simultaneamente, permanece um labirinto de fronteiras inexpugnáveis, até à escala da cidade, onde a limitação da mobilidade física cada vez mais se identifica com fronteiras de índole social, passando pela Europa e por Portugal, pelas suas problemáticas demarcações de identidade e pelas suas barreiras de exclusão”.

A conferência de abertura, submetida ao tema “Mobilidades e Fronteiras no Mundo Contemporâneo”, foi proferida por Gísli Pálsson, Professor de Antropologia na Universidade da Islândia (Reykjavik), Honorary Fellow do Royal Anthropological Institute. Gísli Pálsson explorou a deslocação, em curso, dos processos de negociação de identidades colectivas e individuais para o domínio da composição celular de cada um, sob o signo de um ‘centrismo genético’ emergente. Recordando que estes processos são essencialmente políticos – dada a sua articulação directa com direitos sobre bens e pessoas – Pálsson demonstrou a descoincidência entre a noção de pessoa ‘indígena’ e a noção de pessoa ‘genética’, ilustrando este desencontro entre ‘regimes de verdade’ sobre questões identitárias, a partir de trabalho em curso junto dos *Inuit* do círculo Polar Ártico. Na configuração que ora se vai desenhando, constatou a centralidade de um novo

actor social na delimitação da ‘verdade identitária’ – o cientista de genética – e reflectiu sobre apropriações deste saber por parte de instâncias gestonárias da vida pública, traçando as associações em curso entre Biobancos (em constituição em diferentes países) e possíveis utilizações institucionais que compreendem tanto a gestão da saúde pública, como – noutro espectro – a gestão do crédito bancário com base no mesmo tipo de informação.

Seguiu-se um primeiro diálogo, no qual António Sousa Ribeiro (FLUC) e Luís Moita (UAL), discutiram sobre as fronteiras no mundo contemporâneo, que já não se articulam segundo uma base exclusivamente territorial, mas também social, económica, linguística, etc. A euforia das mobilidades sem limite, trazida pela narrativa dominante da globalização, choca com a realidade da dramática selectividade do movimento (turistas vs. Refugiados, capitais vs. Mão-de-obra, etc.) e com a territorialização de alta densidade de inúmeros processos sociais decisivos para a vida das comunidades.

O segundo diálogo, tratou de “Identidades e Fronteiras na Europa”, foi estruturado pelos interlocutores, Maria Manuela Tavares Ribeiro (FLUC) e João de Pina Cabral (ICS-UL), de acordo com duas questões essenciais: “Existe uma cultura europeia?” e “O que é ser europeu?”. Nenhum dos interlocutores teve a pretensão de obter, nem



facultar, respostas definitivas. Partindo do entendimento consensual de que a identidade é um processo em curso, o diálogo cruzou duas perspectivas complementares. Manuela Tavares Ribeiro acentuou o papel de dinamização da reflexão e prática sobre a identidade europeia, que diferentes tratados e políticas intra-europeias têm proporcionado, na medida em que tenham facilitado o desenvolvimento de laços entre os seus cidadãos. Explicou, a este propósito, a natureza progressiva e cumulativa das acções desenvolvidas, entre as quais se conta, com especial relevância para a Universidade, o Programa *Erasmus*. Pina Cabral centrou-se na natureza cosmopolita da identidade europeia, para estabelecer essa natureza como resultado de uma identidade construída ‘para fora’, em particular, na relação com os ‘mundos atlânticos’. A este propósito, estabeleceu a colocação de Portugal, enquanto país europeu, como tributário de uma componente ‘crioula’ apta à mediação das relações de Europa com outros mundos.

A capacidade para a relação continuada com esses mundos atlânticos é, nas suas palavras, uma capacidade intrínseca à identidade europeia, e um elemento central da colocação de Portugal perante outros países do espaço europeu.

No último diálogo deste primeiro dia, José Reis (FEUC) e Cláudio Torres (Mértola), vieram recordar que a nossa identidade é profundamente compósita, feita da sedimentação secularmente acumulada de traços grupais diferentes, deve ir de par com o reconhecimento dos ganhos colectivos do acolhimento das mais recentes vagas de imigração para o país.

O segundo dia dos Colóquios de Outono 2007 abriu com uma conferência proferida por Beth Galí, que integra uma geração de arquitectos catalães que, a partir dos anos 80, definiram uma série de objectivos urbanos para a Barcelona olímpica de 1992, os quais não só foram cumpridos na íntegra como serviram de modelo de intervenção estratégica em muitas outras cidades. Para além de falar sobre as suas obras, das mais recentes, a zona de banhos do Fórum, em Barcelona, por



exemplo, às mais antigas, como as intervenções na cidade olímpica do início dos anos 90.

Seguiu-se um quarto Diálogo, sobre “Os Territórios do Urbano”, no qual Alexandre Alves Costa (FCTUC) e Nuno Portas (FAUP) discorreram sobre as fronteiras das práticas de arquitectura e a correlativa mobilidade do papel dos arquitectos, na construção do espaço urbano. De um lado, Portas defendeu a arquitectura como disciplina de interpretação (distanciada) da transformação da urbe: a arte do arquitecto, defendeu, consiste no desenho do espaço público que institui as condições de possibilidade de desenvolvimento das cidades. Projectar o espaço da cidade, portanto, e não edifícios. Significa, este entendimento da arquitectura, para Alves Costa, um esvaziamento do discurso dos arquitectos, ao promover a sua alienação face à sua matéria de reflexão e trabalho: o território vivido. Em termos do desenho do espaço urbano, esse entendimento reduz a projecção de cidade ao espaço público, por sua

vez concebido sob ausência de habitantes que participem do seu quotidiano. Esse poder tornar-se um argumento para sua exclusão dos processos de revitalização das cidades onde, de facto, habitam. Ao longo do quinto e último diálogo, João Ramalho Santos (FCTUC) e João Arriscado Nunes (FEUC) debateram as fronteiras do trabalho de investigação científica e as crescentes mobilidades disciplinares que o marcam. O ético, o político e o económico são indiscutíveis motores de fixação daquelas fronteiras. Mas também a inércia institucional, a que as nossas universidades não escapam, obsta frequentemente a um aproveitamento pleno das mobilidades inter e trans-disciplinares que o processo de formação do conhecimento cada vez mais exige.

Os Colóquios de Outono vieram convidar a Universidade ao exercício do colapso das escalas na reflexão sobre o imperativo da mobilidade no nosso tempo. Convite sério e exigente. Irrecusável para uma universidade nova.

** FEUC ** Departamento de Antropologia - FCTUC*

O Liceu de Coimbra

do Liceu Dr. Júlio Henriques à Escola Secundária José Falcão.

Gonçalo Canto Moniz *

Em 1836, Passos Manuel reforma o ensino substituindo os *estudos menores* pelo liceu, inspirado no modelo republicano francês do *lycée* e no *lykeion*, a escola onde Aristóteles ensinava filosofia.

O termo liceu garante uma ligação simbólica aos ideais republicanos que orientam o novo conceito de ensino público e laico, procurando através da instrução técnica, científica e artística renovar a sociedade e garantir o progresso industrial.

A reforma propõe também a instalação dos novos liceus nas capitais de distrito, em edifícios públicos e *saudáveis*, mas a frágil situação financeira e política de Portugal iria adiar a construção de novos edifícios. Em Coimbra, o liceu foi instalado numa primeira fase, em 1840, no Colégio das Artes e numa segunda fase, em 1870, no Colégio de S. Bento. Ambas as localizações se deveram à proximidade com a Universidade, em especial com o Laboratório Chymico e com o Jardim Botânico que garantiam o estudo das novas disciplinas - Botânica, Química, Física, Mineralogia e a Zoologia.

Em 1914, o Liceu Central de Coimbra passa a denominar-se Liceu José Falcão, mas permanece instalado no Colégio de S. Bento, onde vai, a partir de 1928, partilhar as instalações com o novo Liceu Dr. Júlio Henriques. O edifício para a instalação deste novo liceu será construído na sequência de um conjunto de iniciativas desencadeadas, também em 1928, pelo ministro da Instrução Pública, o engenheiro Duarte Pacheco,

e que se formalizaram com a actividade da *Junta Administrativa* do Empréstimo para o *Ensino Secundário*. Será esta instituição, reforçada posteriormente pelo ministro Gustavo Cordeiro Ramos, que define a possibilidade de abrir concursos para os projectos dos novos liceus, nomeadamente para liceus nacionais de Beja, Lamego e Coimbra, em 1930 e, no ano seguinte, para o liceu feminino de Coimbra. As *Condições Especiais para a Construção de Liceus* definidas pela Junta têm como base a experiência adquirida com os liceus da República e funcionam como *programas-tipo*, garantindo que as propostas apresentadas respondam às exigências pedagógicas, higiénicas e construtivas do liceu moderno; de facto, estes programas constituem uma das condições da sua própria modernidade.

O concurso público de arquitectura para o Liceu Nacional Dr. Júlio Henriques é ganho pela equipa Carlos Ramos, Jorge Segurado e Adelino Nunes com a divisa *Santa Cruz*, ficando em segundo classificado, o projecto *Labor* de Luis Cristino da Silva. Na equipa de projectistas consta ainda a colaboração, no projecto de estruturas, do engenheiro Bellard da Fonseca.

O edifício é construído entre 1931 e 1936 segundo os critérios expressos na memória descritiva do projecto: “Tratando-se de um edifício novo a construir num bairro de recente formação, a expressão simplesmente racional que se imprimiu



ao edifício é de certo a que mais naturalmente se impõe tanto mais que ela implica uma grande economia, absolutamente dentro do programa estabelecido pois toda a concepção do projecto obedeceu a esse princípio fundamental”. Deste

modo, os arquitectos afirmam a sua adesão aos ideais da Arquitectura Moderna que estruturaram a sua proposta, a racionalidade e a economia, acompanhando os modelos internacionais, como a Bauhaus de Walter Gropius (1925) ou a

escola Karl Marx (1930-36) de André Lurçat e as experiências nacionais, como o Liceu Filipa de Lencastre (1929) também de Carlos Ramos ou os liceus da República de Miguel Ventura Terra em Lisboa e de José Marques da Silva no Porto.

O projecto *Santa Cruz* propõe uma composição por associação de três blocos autónomos articulados por galerias e assentes num embasamento que regulariza os espaços abertos do recreio, definindo o bloco principal através de um corpo rectangular encostado à avenida Afonso Henriques com um pátio interior e com um corpo cilíndrico que desenha a esquina e a entrada do edifício. Neste bloco são distribuídas as salas de aula, segundo a orientação solar, onde se organizam o ensino das Humanidades e o ensino das Ciências. O grande pátio central foi destinado também ao ensino estando projectada uma estufa, um aquário e um jardim botânico com o desenho “pedagógico” do império português. O bloco da Educação Física está ligado ao bloco principal através de uma galeria, tendo também uma entrada autónoma que permite servir a cidade, de acordo com uma exigência das *Condições Especiais* do concurso. O bloco da Casa do Reitor, adaptado em 1942 à delegação da Mocidade Portuguesa, equilibra volumetricamente o conjunto e está articulado com o bloco principal também por uma galeria.

Os três corpos, sem ornamentação, são a expressão das novas técnicas construtivas que conciliam a estrutura de betão, a parede de alvenaria rebocada, a cobertura plana e as caixilharias de madeira e de ferro. Estas caixilharias resolvem os sistemas de ventilação, criam diversas transparências

e afirmam a horizontalidade do conjunto. Por oposição, os volumes verticais da fachada principal conferem um carácter monumental e público ao liceu.

O edifício é inaugurado, em 1936, para acolher as 16 turmas do novo liceu nacional, mas logo em 1938 decide-se ampliar o edifício, de modo a acolher também o Liceu José Falcão. O nome dos dois patronos republicanos seria assim substituído pelo responsável pela introdução do ensino secundário em Coimbra, D. João III. O *Plano de 1938* proposto pela *Junta das Construções Escolares* para o *Ensino Técnico e Secundário* vai ampliar as alas sul e poente do bloco principal em mais um piso, levando Jorge Segurado e Adelino Nunes a abandonar o projecto, afirmando que: “Não é possível resistir a tantas alterações”. Este plano define também que o liceu feminino Infanta D. Maria não seria construído na Quinta da Rainha, mas sim no Calhabé, de modo a dar lugar ao Centro Materno Infantil de Bissaia Barreto, também projectado por Carlos Ramos. Esta alteração inviabilizou o projecto vencedor do concurso de Cristino da Silva e também o projecto para uma espécie de “praça dos liceus” proposto por Carlos Ramos, que poderia ter qualificado a vivência do espaço público entre os dois liceus.

O liceu masculino retomaria o nome de José Falcão em 1974, começando com a democracia a sofrer diversas alterações: a piscina foi transformada em auditório; um pré-fabricado destruiu o espaço exterior entre o Pavilhão e a Casa do Reitor; a cobertura plana é substituída por uma cobertura em chapa de duas águas e as



caixilharias de madeira e ferro são substituídas por uma caixilharia de alumínio de desenho fraco. A sequência de obras e projectos pontuais tem lentamente danificado com gravidade este exemplo raro do modernismo de Coimbra. Neste sentido, torna-se urgente uma intervenção profunda no edifício da actual Escola Secundária José Falcão que, no entanto, concilie a sua precisão funcional com a sua fragilidade construtiva; paradoxo que decorre da sua própria condição moderna. Por um lado, a arquitectura moderna procura dar uma resposta às necessidades programáticas fazendo a *forma seguir a função* e, por outro lado, explora os novos sistemas construtivos

para dar resposta às necessidades conceptuais – grandes envidraçados, superfícies planas, leveza estrutural, ausência de ornamentação, etc. Estas condições têm criado algumas dificuldades de “envelhecimento” para estes edifícios que têm dificuldade em integrar as alterações aleatórias decorrentes do quotidiano. A intervenção nos edifícios da arquitectura moderna obriga, assim, a uma consciência rigorosa do edifício e da sua história de modo a estabelecer uma perspectiva de actuação unitária que, dando resposta às novas exigências de programa ou de conforto, não condicione os valores culturais que a modernidade tão dificilmente construiu.

**Darq-FCTUC*





Breves

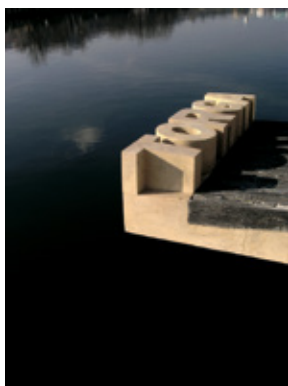
Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa homenageiam Miguel Torga no Casino Estoril

Já há muitos anos, o sábado mais próximo de 25 de Novembro — data da inolvidável “Tomada da Bastilha”, que agora comemora o seu 87.º aniversário — é o dia escolhido pela Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa para a realização da sua Festa anual. Desta vez, ela coincidia com o centenário do nascimento de Miguel Torga, facto que, naturalmente, não passou despercebido aos organizadores do evento. Tudo se conjugou para uma grande reunião no Casino Estoril.

Gente... muita gente! O programa prometia, a ansiedade era muita. Tudo começou, como de costume, pela alegria de rever velhos companheiros, dar muitos abraços e recordar com muitas saudades o tempo passado, onde tudo era lindo... Um bem-estar interior afaga-nos de mansinho, vai-se entranhando em nós. É a felicidade do reencontro. Coimbra no seu melhor!

A presença dos três últimos Magníficos Reitores,

de todas as Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra, do Presidente da Câmara de Coimbra tudo contribuía, enfim, para a festa ser maior. Conversa e mais conversa, todos se sentam para jantar à última hora. Assiste-se ao programa habitual do Casino. Seguem-se a Tuna da Faculdade de Medicina de Coimbra, os cumprimentos e agradecimentos da Presidente da Direcção, a entrega do prémio à melhor aluna da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e, finalmente, a Homenagem a Miguel Torga. Era o ponto alto da Festa! Obra do nosso querido Amigo Carlos Carranca, senhor de conhecimento perfeito de Miguel Torga e da sua genial obra. Silêncio... muito silêncio! Cenário sóbrio! Carlos Carranca entra em cena, em mangas de camisa e descalço. Senta-se à mesa, no canto inferior esquerdo, acende a vela e começa, com a sua famosa voz, a narrar os acontecimentos mais marcantes da vida do Escritor, dizendo, no seu estilo incomparável, os versos do próprio Miguel Torga. Ao fundo, começam a movimentar-se os alunos da Escola Profissional do Teatro de Cascais. Todos descalços, modestamente vestidos, com mo-



vimentos sentidos e lentos, muito bem ensaiados. Duas moças cantam maravilhosamente e a narrativa segue, na voz de Carlos Carranca. Sob o palco ao nosso querido Amigo Luís Goes, que, acompanhado por Carlos Couceiro e António Toscano, canta, como só ele sabe, o poema “Aqui”. Foi a melhor e mais linda homenagem que vi prestar a Miguel Torga. O Carlos Carranca merece os nossos melhores aplausos. Todos, aliás, o aplaudem de pé. Feliz a Associação que pode contar, entre os seus associados, com um Autor capaz de tal cometimento. Demos todas as mãos e, com muita amizade e muita alegria, gritemos bem alto “F.R.A. Carlos Carranca”.

Tudo termina, como é da praxe, com a “Serenata” e a “Balada da Despedida”, pelo grupo “Serenata de Coimbra”.

Maria Manuela Alves da Costa Presidente da Delegação de Lisboa nos anos 1981/84; Sócia Honorária da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra desde 1990.

Colégio das Artes em 2007-2008 Comissão Instaladora trabalha desde Novembro

Tomou posse a Comissão Instaladora do Colégio das Artes a 14 de Novembro do ano passado, em cerimónia realizada ao fim da manhã, na Sala do Senado.

Abílio Hernandez Cardoso, antigo director do Teatro Académico de Gil Vicente e antigo presidente de “Coimbra, Capital da Cultura”, em 2003, é o coordenador da Comissão Instaladora do Colégio

das Artes — nova unidade orgânica da Universidade de Coimbra (UC), que se prevê estar a funcionar no início do próximo ano lectivo. Delfim Sardo, que já comissariou diversas exposições de prestígio na cidade, é, por sua vez, o coordenador executivo. Além destes, integram a Comissão António Pedro Pita, actual director regional da Cultura, António Olaio e Jorge Figueira Ferreira, docentes no Departamento de Arquitectura da UC.

O novo Colégio das Artes dinamizará cursos de formação avançada e programas de mestrado e de doutoramento, bem como a investigação interdisciplinar no domínio das Artes. O objectivo, de acordo com a reitoria, é proporcionar uma nova centralidade científica à Universidade de Coimbra e abrir novas frentes de enquadramento para os domínios científicos e pedagógicos, que melhor respondem aos apelos da contemporaneidade. A criação de uma nova unidade orgânica designada por Colégio das Artes fora aprovada pelo Senado da Universidade de Coimbra em Fevereiro de 2006, na sequência do trabalho realizado por uma Comissão nomeada para o efeito. Esta Comissão para a Reflexão sobre o Ensino das Artes na Universidade de Coimbra, constituída pelos docentes da Universidade José de Oliveira Barata, Abílio Hernandez, José Pedrosa Cardoso, António Sousa Ribeiro, António Filipe Pimentel, Mário Krüger, Alexandre Alves Costa, Paulo Varela Gomes, José António Bandeirinha e António Olaio, produziu a proposta intitulada “Para uma Nova Centralidade do Estudo das Artes na Universidade de Coimbra”, que depois serviu de base à decisão do Senado.



Luisa Bebiano Correia
Arco em chacota
2007

Legado de Vandelli interpretado pela Arte Contemporânea

O “Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli” é um projecto expositivo, elaborado em torno da figura de Domenico Vandelli, e está patente no Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra até ao próximo dia 15 de Fevereiro. Eminentemente médico e naturalista italiano que, a convite do Marquês de Pombal, trabalhou em Portugal entre 1764 e 1815, professor no Real Colégio dos Nobres, Vandelli cedo se distinguiu na preparação e execução da reforma iluminista dos Estudos da Universidade de Coimbra. Colaborando activamente na criação do Jardim Botânico desta Universidade, personagem multifacetada do séc. XVIII, Vandelli é uma das figuras centrais na elaboração do imaginário dos Museus de História Natural.

Paulo Bernaschina e Paulo Cunha e Silva redeseñham um itinerário “pós-biográfico de Vandelli”, a partir de peças museológicas das universidades de Coimbra, do Porto e de Lisboa.

O projecto obedece a uma lógica naturalista, que vai do mapeamento do mundo, os seres vivos e inanimados que o habitam, até ao mapeamento do genoma humano.

Esta narrativa, construída em torno da História da Natureza e da História do Conhecimento, é interpretada pelos trabalhos de vários artistas onde se incluem Miguel Palma, Gabriela Albuquerque, Alberto Carneiro, entre outros. Havendo também uma articulação com parte da exposição “O Coração da Ciência”, produzida, em 1991, pelo Centro de Estudos de Fotografia/Centro

de Artes Visuais, no contexto das comemorações dos 700 anos da fundação da Universidade de Coimbra, nela se incluem trabalhos de vários fotógrafos, como Paul Den Hollander ou Joel Peter-Witkin.

De Coimbra, este “Gabinete de Curiosidades” partirá para o Rio de Janeiro, integrando, a partir de Março, o programa das Comemorações do Bicentenário da chegada da corte portuguesa ao Brasil e da fundação do Jardim Botânico do Rio. A exposição no Brasil articula-se com o V Colóquio *Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-americano*, organizado pelo Grupo de Pesquisa Intelectuais e Poder no Mundo Ibero-Americano da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pelo Grupo Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX. Relaciona-se ainda com a mostra de cinema, subordinada ao tema *Movimentos Emigratórios Para a América*, de Jacinto Godinho.

A Diversidade da Vida 300 Anos de Lineu Exposição no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Biliões de seres vivos pertencentes a vários milhões de espécies partilham o planeta connosco.

Graças ao trabalho de classificação e sistematização realizado por Lineu e outros naturalistas, podemos conhecer melhor as espécies vivas e acompanhar a sua evolução.

Lineu, naturalista nascido em 1707, é recordado por ter implementado o sistema binomial de

designação das espécies, ou nome científico, na obra *Systema Naturae* (1758). Nós somos *Homo sapiens*, o cavalo *Equus caballus*, a margarida *Bellis sylvestris*. Designações latinizadas que permitiram estabelecer um código para descrever o mundo vivo. A diversidade da vida é um valor em si mesmo, fruto de milhões de anos de evolução. Contudo, há evidências de que nos encontramos à beira de uma crise de biodiversidade.

Um considerável número de populações e de espécies está em acentuado declínio. E uma proporção considerável delas extinguir-se-á durante este século. A actual extinção de espécies é devida à actividade humana: às transformações do uso do solo, à poluição, à proliferação de espécies exóticas e às mudanças climáticas. A destruição

de floresta era, na década de 80, equivalente a um campo de futebol por segundo.

A perda da diversidade biológica é irreversível. Mas, uma atitude mais ecológica de todos poderá certamente minorar muito os seus efeitos. Um grande desafio que se nos coloca a todos neste século é sem dúvida o da gestão sustentável dos recursos naturais da Terra.

Esta exposição procura contribuir para que todos ganhem consciência da necessidade da preservação da biodiversidade, através do contacto directo com espécies já desaparecidas em Portugal, como o urso-pardo, o lince, ou o quebra-ossos. Uma mostra da diversidade de espécies do planeta, a partir das colecções de animais e plantas da Universidade de Coimbra.



O Grupo de Estudos Monetários e Financeiros

Paulino Teixeira *

O Grupo de Estudos Monetários e Financeiros (GEMF) é um centro de investigação da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), reconhecido e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Tem como principal objectivo a investigação teórica e teórico-empírica (isto é, aplicada) em variados domínios da ciência económica, com relevo para dois campos definidos em sentido lato: a economia financeira, a política monetária e fiscal e o crescimento económico, por um lado, e a economia do trabalho, a organização industrial e a economia do ambiente, por outro.

O corpo de investigadores em acumulação com a actividade lectiva desenvolvida na FEUC — é composto por 19 doutores com variada formação de origem: Estados Unidos da América, Inglaterra, França, Itália e Bélgica, para além, naturalmente, de Portugal. Paralelamente, conta com o contributo em *part-time* de estudantes de pós-graduação, a título de assistentes de investigação.

O GEMF desenvolve dois tipos de *output* fundamentais: a produção científica (artigos), dirigida para a publicação em revistas internacionais da especialidade, e a orientação científica (teses) de estudantes de mestrado e de doutoramento. Neste último campo, merece realce o papel decisivo que a unidade tem desempenhado na produção de mais de uma centena de teses de mestrado ao longo da última década, um contributo digno do maior relevo dada a

escassez de recursos pós-graduados existente no país (e o limitado número de investigadores que a unidade dispõe!).

O GEMF encontra-se cada vez mais empenhado na inserção internacional dos seus investigadores, o que naturalmente exige uma crescente concentração de meios em domínios onde a unidade se mostre mais competitiva. Disso é prova o acelerado crescimento da produção científica publicada em revistas referenciadas em bases bibliográficas internacionais, e que no último quadriénio se traduziu em cerca de três artigos por investigador (incluindo livros e capítulos de livros em editoras internacionais), um salto verdadeiramente sem paralelo que rompe com uma marcada tradição de publicação prioritariamente nacional, dominante na profissão até um passado muito recente.

À procura de parcerias

É neste contexto que se enquadra também o acentuado esforço de envolvimento da unidade em parcerias nacionais e internacionais no âmbito da actividade de formação de 2º Ciclo.

Neste sentido, encontram-se em carteira parcerias nacionais (por exemplo, com o Departamento de Matemática da UC, já concretizada na oferta de um mestrado inovador em Métodos Quantitativos em Finanças) e internacionais, através das quais se pretende renovar a oferta de formação ligada à unidade. No domínio dos cursos de doutoramento também se espera encetar em breve

parcerias nacionais que ajudem a fortalecer a oferta actual.

No domínio da cooperação em projectos de investigação, e tornando-se cada vez mais evidente que a produção científica de qualidade exige a presença de equipas devidamente apetrechadas e com experiência internacional relevante, os membros do GEMF colaboram activamente com mais de uma dezena de investigadores não nacionais, estando em curso um vasto leque de projectos com a participação de investigadores oriundos de outras unidades de investigação (cite-se, a título de exemplo, o INESC/Coimbra, o NIPE/Universidade do Minho, o CEMAFI/Universidade de Nice e os institutos alemães IAB/Nuremberga e ZEW/Mannheim). Um outro veículo importante de intercâmbio consiste no patrocínio de seminários e workshops em vários domínios, quer por iniciativa do GEMF, quer em colaboração com outras unidades nacionais, e que, pelo tipo de trocas de experiências que possibilitam, se têm revelado da maior importância para os estudantes nacionais e internacionais que neles participam.

Também nos parece justo acrescentar que todo este esforço de inserção internacional tem tradução na associação da unidade à única revista (activa) de economia, editada por uma universidade portuguesa, com indexação na base bibliográfica mais representativa da área — a *EconLit-American Economic Association*.

Consciente dos desafios que toda a actividade de investigação científica coloca, o GEMF encara o futuro próximo com um optimismo realista. Não se deixa tolher pelas frequentes inflexões do sistema nacional de gestão científica e tenta antecipar, na medida do possível, os tempos que se aproximam, por certo de maior exigência e selectividade. E com uma dupla certeza: a de que a actividade que desenvolve é da maior importância para todos os que a rodeiam, em especial para os estudantes; e a de que só é possível progredir cientificamente através de uma atitude de contínua insatisfação com o presente.

A actividade do GEMF é pública e encontra-se sujeita a intenso escrutínio, financeiro e científico, podendo ser facilmente consultada no endereço <http://gemf.fe.uc.pt>.

* FEUC • Coordenador do Grupo de Estudos Monetários e Financeiros

A dor,

um conceito sempre em evolução

Marília Dourado *

A dor é indissociável da condição humana. Na realidade, são poucas as doenças que em algum momento da sua evolução não apresentam dor integrando a sua sintomatologia.

Nos diversos períodos da História, a interpretação da dor foi variável. De fenómeno cósmico apenas valorizado se vitimasse um herói, deus ou semi-deus, passou a ser considerada castigo divino, para purificar o corpo, redimir a alma e aproximar o Homem de Deus. A própria morte de Cristo, para os cristãos, levou à aceitação da tortura e do sofrimento como via para alcançar a vida eterna e a salvação. A relação do Homem com a dor foi, durante mais de um milénio, orientada por esta concepção moral e religiosa.

Talvez Hipócrates tenha sido o primeiro a considerar a dor como elemento importante para o diagnóstico de doença. No *Corpus Hippocraticus* é perceptível, pela primeira vez, uma tentativa de identificar as suas causas. O calor e o frio, o excesso e o defeito, são estímulos que a poderiam desencadear. É feita uma tentativa de retirar o excesso de sobrenatural e místico que a envolvem. Depois de Hipócrates, a dor passou a ter um significado variável, consoante as suas características. Na Idade Média a dor é um teste à fé. Os cristãos aceitam-na com a resignação de um tormento, sustentado por uma fé inabalável.

Cristãos e pagãos partilhavam a ideia de que a dor possuía uma relação muito próxima com o pensamento e a alma.

Descartes, iatrofísico convicto, ignorou o que se tinha dito e especulado sobre a dor e, pela

primeira vez, na obra *De L'Homme* (1664), descreve-a como um fenómeno nervoso. Transforma a discussão filosófica sobre a dor numa discussão fisiológica, separa a metafísica da fisiologia.

O modelo do puxão de corda immortalizou a sua descrição do fenómeno doloroso. Esta explicação, aperfeiçoada pela constante sucessão de novas descobertas científicas, do conhecimento da neuroanatomia e dos mecanismos neuroquímicos envolvidos, dominou o pensamento ocidental sobre a dor até há relativamente pouco tempo, explicando-a pelos mecanismos físicos que a produziam.

Outro grande mérito de Descartes foi o de, ao contrário do pensamento reinante na época, chamar a atenção para o facto de a dor poder atingir qualquer humano, independentemente da sua condição social ou outra.

“Aliviar a dor”

Na viragem do século XIX para o XX (romantismo), o homem torna-se egocêntrico, amante de si e do seu bem-estar, e as técnicas para alívio da dor e do sofrimento são largamente desenvolvidas. O pensamento ocidental da época é dominado pela necessidade de aliviar a dor, o que, no campo da Medicina, foi crucial para o desenvolvimento da anestesia.

No século XIX, o avanço no conhecimento da Anatomia e da Fisiologia contribuíram para tornar cada vez mais débeis e irrelevantes as poderosas



vozes da Teologia e da Filosofia quando se discutia a dor, que passou a ser explicada com o resultado da transmissão de impulsos electroquímicos através do sistema nervoso, da periferia ao cérebro. Mas, até à primeira metade do século XX, a realidade dolorosa foi só parcialmente respeitada e compreendida, já que os médicos consideravam infundada a dor sem lesão tecidular real.

Actualmente, sabe-se que a dor, mais do que uma resposta física, é um estado psicológico em que a mente pode fazer muito mais do que aquilo que se imagina. A dor fantasma prova que não é necessário ter perna para sentir dor na perna. É necessário apenas ter cérebro e pensamento. Para a Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP), *“a dor é sempre subjectiva. A actividade induzida por um estímulo nocivo não é dor, esta é sempre um estado psicológico”*.

No século XX, a dor foi colocada no complexo biocultural em que corpo e pensamento interagem. Trabalha-se para reunir os conhecimentos da Neurologia, da Fisiologia, da Psicologia e da Terapêutica, de modo a ter da dor um conhecimento integrado, uma abordagem pluridisciplinar, que

permita a elaboração duma linguagem explícita, fundamental para a sua comunicação integral. Apesar do esforço, raramente tal linguagem faz chegar ao outro a verdadeira dimensão da dor. Ela é transmitida por uma linguagem subjectiva, que exprime experiências anteriores, inscritas na memória. É uma sensação e uma vivência impregnada de motivações individuais complexas, contribuindo decisivamente para a forma como é sentida, aceite e comunicada. Esta subjectividade vai, inevitavelmente, condicionar a relação do indivíduo com o médico, a família e a sociedade. A IASP define a dor como *“uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a lesão tecidular real ou potencial, ou descrita em termos de uma tal lesão”*.

A resposta física ao estímulo (nocicepção), é um conceito mais restrito e objectivo. A dor é um estado mental associado à activação dos circuitos da nocicepção. Esta dualidade permite-nos perceber a analgesia produzida em situações de grande stress. Não obstante a carga subjectiva, a dor surge, qualquer que seja o indivíduo, sempre pelos mesmos mecanismos.

NOTA: um agradecimento à Margarida, pela leitura crítica do texto.

* FMUC

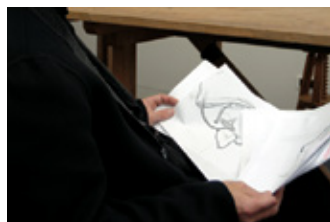
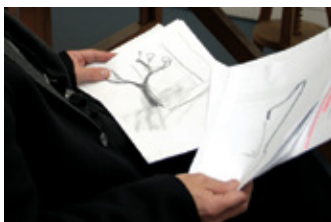
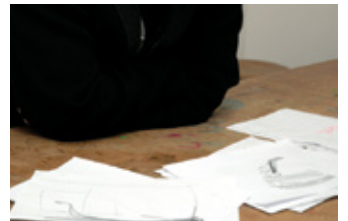
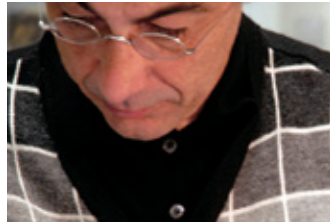


Ao Largo

ENTREVISTA
VISITA GUIADA
CRIAÇÃO LITERÁRIA
LUGAR DOS LIVROS



“Nós queremos
viciar as pessoas
nas artes!”, (...)
Madalena,
que de vez em quando
não resiste (...),
diz que sim,
com a cabeça.



GIACOMO SCALISI

assessor de programação para a X Semana Cultural da Universidade

João Mesquita

“Queremos viciar as pessoas nas artes!”

Duas classes da escola primária “A Torre”, do fino bairro lisboeta do Restelo, andam em grande azáfama no Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém (CCB). Participam num atelier de artes plásticas, através do qual se pretende demonstrar, a partir da experiência dos pinguins, que é possível tornear muitos obstáculos que a vida coloca. À porta, o sorriso largo da coreógrafa Madalena Victorino não permite qualquer dúvida sobre a satisfação que a invade, tornando qualquer palavra absolutamente desnecessária. “Nós aqui levamos as crianças muito a sério”, não conseguirá, no entanto, deixar de dizer ao redactor da “Rua Larga”, mais de duas horas depois, quando apresenta, com visível orgulho, as instalações do Centro.

Para trás, já tinha, então, ficado uma entrevista com Giacomo Scalisi, o italiano radicado há anos em Portugal, que o pró-reitor para a Cultura, José António Bandeirinha, foi buscar para o apoiar na programação da X Semana Cultural da Universidade de Coimbra, que tem lugar entre 1 e 8 de Março do corrente ano. Um homem que parece não pedir licença para exteriorizar as suas ideias. “Nós queremos viciar as pessoas nas artes!”, não tem pejo em assumir. Madalena, que de vez em quando não resiste a meter a sua “colherada” na conversa, diz que sim, com a cabeça. É com esse espírito, garantem, que estão a encarar a Semana Cultural.

Como é que o Giacomo Scalisi chegou à Semana Cultural de 2008 da Universidade de Coimbra?

O pró-reitor para a Cultura, José António Bandeirinha, achou que seria interessante ter, na organização da Semana, a ajuda de um programador artístico e respectiva equipa.

Mas porquê o Giacomo?

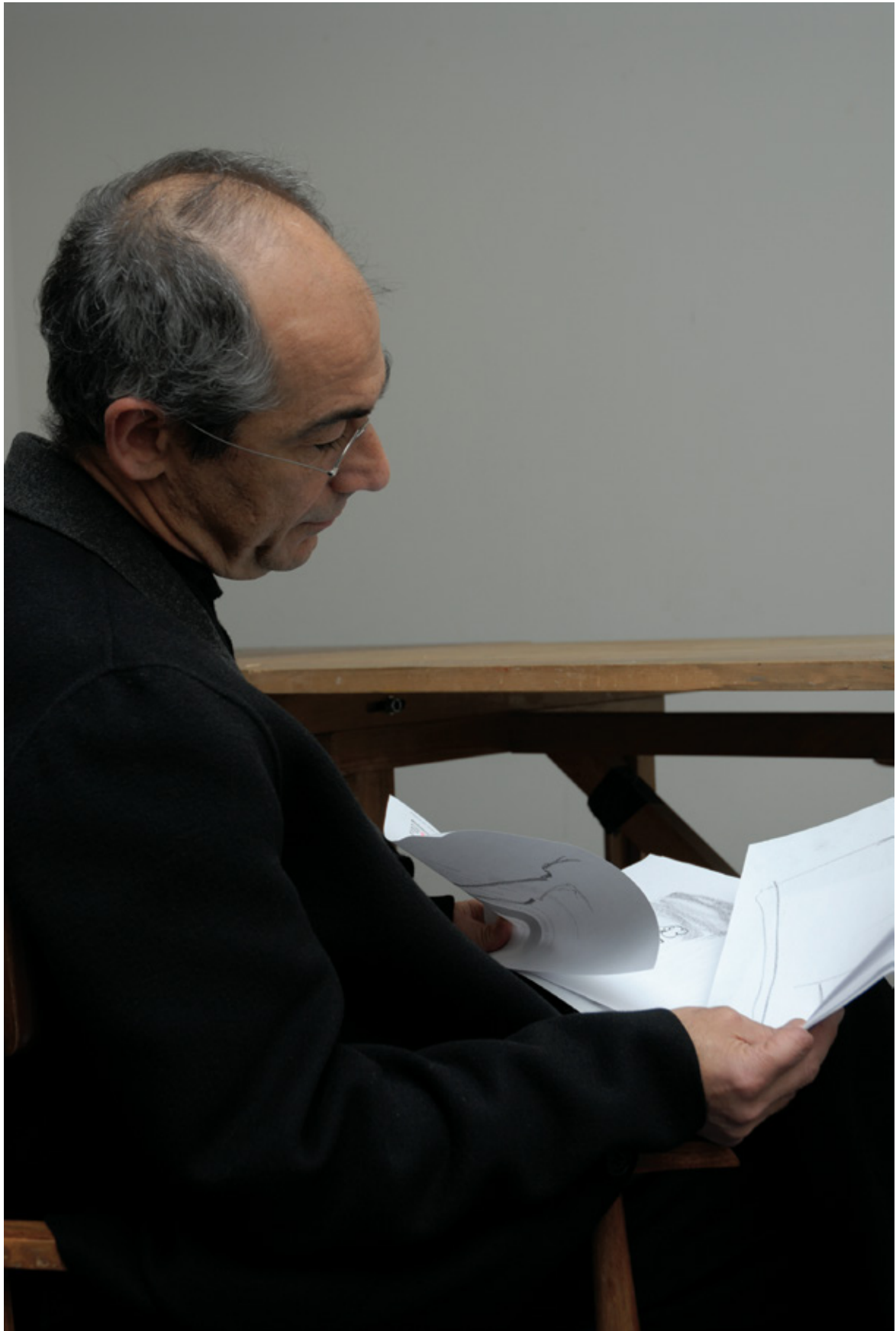
Bom, o pró-reitor conhecia o trabalho que desenvolvemos para “Coimbra, Capital Nacional da Cultura”, com o prof. Abílio Hernandez. Nomeadamente, o projecto “Percurso”, que foi um projecto que se prolongou por dois anos, misturando arte, educação e sociedade, “infiltrando-as”, como nós dizíamos, na realidade da cidade.

Só que o projecto “Percurso” foi extensivo a outras cidades.

Sim. Além de Coimbra, Lisboa, Évora e Viseu. A ideia foi a de aproveitar uns fundos europeus disponíveis, para lançar um festival internacional que misturasse várias artes e permitisse um grande intercâmbio entre companhias nacionais e internacionais. Em Coimbra, o olhar do arquitecto Bandeirinha revelou-se especialmente interessante

Um italiano pouco dado a convenções

“Um programador é a casa, mas não é a alma do projecto. É só uma das partes do projecto”. Isto, disse Giacomo Scalisi, numa entrevista publicada na blogosfera, em Março de 2006. Dois anos depois, pesará sobre os seus ombros e os do pró-reitor para a Cultura, José António Bandeirinha, a responsabilidade principal pela programação da X Semana Cultural da Universidade de Coimbra. Nascido na cidade italiana de Novara, a 10 de Novembro de 1958, Giacomo está muito longe de ser um novato na arte de programar espectáculos. Presentemente, aliás, a sua actividade principal é a de programador para a área de Teatro, Novo Circo e Projectos Multidisciplinares, no Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa. Uma actividade a que se dedica desde 2004, na sequência de uma colaboração com o CCB iniciada cinco anos antes, com um encontro internacional de novo



na selecção de espaços que cativassem os artistas estrangeiros que não conheciam a cidade. Foi Abílio Hernandez, a quem dissemos que queríamos conhecer pessoas de Coimbra, quem no-lo indicou.

E que balanço faz?

Fantástico! Bom... não foi fácil: a cidade parece fragmentada. Às vezes, dá ideia de que as pessoas a utilizam para trabalhar, para estudar, até para fazerem compras, mas... mais nada. Além disso, ocorre uma desertificação ao fim de semana, que não se vê, por exemplo, em Lisboa e no Porto. Mas foi fantástico, até pela série de colaborações que se abriu. Com o Museu Machado de Castro, com a “Escola da Noite”, com o “Teatrão”... eu sei lá...

Tanto quanto julgo saber, o tema da Semana deste ano é a “imaginação”. “A imaginação como abrigo”, diz o Giacomo, no projecto a que tive acesso. Quer explicar-se melhor?

A imaginação é uma coisa muito vasta. Pensei, então, que ela podia abrigar-se na Universidade e aí encontrar espaços onde, mais do que tudo o resto, se escondem imaginários artísticos, que depois podem invadir e habitar a cidade. É por isso que a programação tem espectáculos, mas também tem workshops, que permitem aos participantes — os estudantes e os outros — remexer o universo da arte.

No mesmo documento, estabelece três objectivos centrais para a Semana: “Dar uma vida artística a vários espaços da universidade, dar vida ao TAGV e dar uma vida teatral às repúblicas de Coimbra”. Já existem ideias concretas acerca do que pode ser feito neste último domínio?

Infelizmente, não vai ter lugar. Há pouco dinheiro e não há possibilidade de se fazer tudo quanto se tinha imaginado. Já tínhamos essa experiência dos “Percurso”, quando um artista francês (Michel Laubu Turak Théâtre), procurando responder à pergunta de como chegar aos estudantes, imaginou pequenas peças a realizar numa determinada República, mas com os residentes de outras a poderem participar. Foi um grande sucesso. As Repúblicas são uma componente muito importante da cidade. Tenho muita pena de que tenha sido necessário deixar “cair” esta e outras componentes do projecto inicial. O arquitecto disse-me que gostava de tudo quanto lhe propus, mas que era preciso definir prioridades... Bem... Vamos falar do que não “caiu”. Do programa possível... que será óptimo.

Não há o risco — e as próprias Repúblicas, sem prejuízo da sua inserção da cidade, estão basicamente ligadas ao universo estudantil — de a Semana ficar muito confinada à Universidade?

Mas o TAGV, para não irmos mais longe, faz parte da cidade! Os programas têm as suas dinâmicas próprias, vão-se desenvolvendo à luz dos condicionalismos.

teatro para crianças e adolescentes, a que é dado o nome de “Percurso”.

Esta iniciativa transforma-se num “coerente projecto artístico europeu para um público jovem”, que se alarga de Lisboa a mais três cidades do país: Coimbra, Viseu e Évora. Quando os “Percurso” terminam, em 2004, são considerados “um projecto exemplar no seu domínio. A Associação Portuguesa de Críticos de Teatro atribuiu-lhe, por sua vez, uma menção honrosa. De então para cá, Giacomo não pára. É por sua iniciativa, por exemplo, que nascem projectos como o “Jovens Artistas Jovens”, de apoio à criação artística jovem e envolvendo 14 estruturas nacionais, ou o “Sem Rede”, que reúne 12 grupos portugueses que se dedicam ao chamado novo circo. E o seu nome está, também, muito ligado a festivais como o “Alkântara”, de carácter multidisciplinar e intercultural, no domínio das artes do espectáculo, o “Temps d’ Images”, um festival europeu de cruzamento entre as artes do palco e a imagem, e o “Luzboa”, a bienal de arte dedicada à luz na capital.

A relação de Giacomo com a

Quando teremos um programa que se aproxime do definitivo?

Já existe. Há apenas um trabalho de um artista plástico francês (Flop Philippe Lefebvre) que ainda não está confirmado, devido aos tais problemas económicos. Tudo o resto está assente — quer na componente espectáculo, quer na componente de workshops, que é onde intervirão os diferentes grupos de estudantes e as organizações da Academia. No final da Semana, os resultados finais deste trabalho de laboratório serão apresentados ao público em diferentes espaços da cidade.

O relacionamento com a reitoria tem corrido bem?

Muito bem! Temos conseguido desenvolver conjuntamente um conceito de abertura a espaços artísticos exteriores, que é um conceito corajoso, muito caro ao pró-reitor, e que eu apoio em pleno. Até agora, pelo menos, o único escolho tem sido de ordem económica. De resto, logo numa primeira reunião que efectuámos com o conjunto das faculdades e das estruturas académicas (a 5 de Novembro), senti um interesse e um apoio muito grandes. A sala estava cheia. Creio que todos entenderam o esforço de inovação que está a ser feito pelo pró-reitor. Perceberam que pode vir aí um vento novo!

O facto de normalmente se estabelecer, no domínio da música, uma ligação espontânea entre a chamada “canção de Coimbra” e um determinado género musical, constitui, para vocês, um “handicap” ou uma vantagem?

Uma clara vantagem. Tenho todo o interesse em trabalhar com a tradição, desde que aberta a misturas que possam ser feitas, promovendo assim o cruzamento entre grupos e propostas musicais: do popular ao erudito; do antigo ao contemporâneo; do formal ao informal.

programação cultural vem, no entanto, desde bastante antes da sua chegada a Portugal. Mais exactamente desde 1994, altura em que abandona a companhia italiana “Teatro delle Briciole”, em Parma, onde, nos cinco anos anteriores, se dedicara a representar para jovens.

O seu novo “percurso” vai passar, sobretudo, por programar os projectos europeus do Teatro Al Parco — Teatro Stabile di Innovazione”.

No ano seguinte, está a assumir a direcção do importante festival “Vetrina Europa”, ainda em Parma. Em meados dos anos 70 do século xx, deixara o estudo universitário de literatura italiana para se dedicar

UM PROJECTO DE ARTE COMUNITÁRIA COREOGRAFADO POR MADALENA VICTORINO

Caruma: um exemplo na programação da Semana Cultural

56

A Companhia Instável irá apresentar, no âmbito da X Semana Cultural da Universidade de Coimbra, no Teatro Académico de Gil Vicente, um projecto de arte comunitária intitulado Caruma.

Caruma são folhas secas em forma de flecha, que descem dos pinheiros, vestem o chão e picam. Caruma é um espectáculo com uma dimensão privada e outra pública, em que ambos os espaços se misturam numa paisagem que mexe. É sobre o que está na margem e o que está no centro.

Pessoas da rua, bailarinos e músicos põem o público em contacto com uma comunidade que é a sua, confundindo-o e iluminando-o nessa ideia de unir o centro da sua cidade às margens da arte.

O público, uma parcela dessa comunidade, revê-se e descobre-se, adiciona algo de seu ao espectáculo, sem o saber previamente. Testemunha a transformação dos seus pares, que nessa noite são outros.

Pequenos ninhos de público envolvem acções feitas em formato de conluios, conversas de saleta, solos dançados e contados, onde a intimidade da relação espectáculo-público se acende.

Caruma poderá ter os sete intérpretes fixos vindos dos universos do teatro, da dança e da música, os 27 ou os 57 intérpretes, dependendo de quem se alistar na aventura de participar neste espectáculo de arte comunitária.

Caruma é um espaço para anjos nascidos da terra e humanos caídos do céu. Bailarinos, música, acções em catadupa saem de um tapete de caruma.

O Giacomo é, basicamente, um homem do teatro. A sua escolha não envolve riscos de substimação das restantes artes?

De modo nenhum. Hoje em dia, o que interessa são programas que motivem as pessoas para os verem. A vivacidade é fundamental. E, para isso, é preciso ter estratégias de participação, que consigam transformar o lugar do público num lugar que não seja só o de assistir, mas o de se aproximar do objecto. Só a partir daí se consegue contribuir para que as pessoas fiquem a conhecer melhor, e por dentro, as coisas da arte. No fundo, a pergunta é: qual o lugar das artes na nossa sociedade? O público jovem devia ser o mais reactivo.

E não é?

Às vezes, não é. Também porque não sabe. A arte pode ser encarada como uma forma de compreender o mundo e isso está muito pouco intuído. Qual o lugar da arte numa sociedade contemporânea? A arte é só um museu, um teatro, um cinema? Ou deve ser um ponto de encontro, que põe as perguntas sobre a vida de cada um? Tal como deve acontecer com a Universidade — e por isso ela é um lugar privilegiado na relação com a sociedade. Queremos viciar as pessoas nas artes! Essa, é a minha grande preocupação ao nível da Semana. Que as pessoas sejam tocadas, mesmo que pelo lado mais escuro. Que digam: “Adorei este espectáculo!”. Ou: “detestei”. Não fiquem é indiferentes!

O Giacomo é capaz de arriscar um balanço da vida cultural coimbrã?

Não. Para todos os efeitos, eu sou um estrangeiro. O que é bom. Venho de fora da Universidade, de Coimbra, de Portugal... Sinto que isso me dá uma frescura idêntica à de uma criança, que faz com que não me aperceba de muitos vícios, de muitos preconceitos...

inteiramente ao teatro. Rejeitara, no entanto, o ensino ministrado nas escolas tradicionais, optando por fazer a sua formação em seminários, laboratórios e cursos internacionais. Talvez venha daí a tendência de Giacomo para ultrapassar fronteiras, que em 2000 o fez aportar a Lisboa e que agora, três anos depois da “Capital Nacional da Cultura”, o traz de volta a Coimbra. Ele, que diz passar a vida a perguntar-se: “Como é que eu posso ajudar a que o público tenha uma maior consciência da vida, uma relação de verdade entre a vida e a arte que uma parte do teatro tradicional já não tem?”.

Emergindo do centro da vida, recontam-se no fluxo de um tempo musical. Caruma será um espectáculo onde participarão desde crianças muito pequenas até pessoas idosas.

Um apelo à participação

Procuram-se, assim, pessoas que gostem de se apresentar em palco, realizando uma série de tarefas simples de movimento e usando, por vezes, também a palavra, que ajudam o público a visitar os mundos da Dança, do Teatro, e da Música: mães ou pais com filhos em fase de começar a andar (um ano e meio de idade); um grupo de rapazes, de 10-12 anos, que pratiquem teatro, ginástica, karaté, judo ou natação; homens e mulheres a partir dos 20 anos; pessoas a partir de 65 anos, com disponibilidade de tempo e de deslocação até ao teatro. Este grupo de voluntários, de várias idades, ajudará o público a compreender a relação estreita de beleza entre corpos pequeninos que experimentam o movimento pela primeira vez, acompanhados dos seus pais, os corpos treinados dos bailarinos, os corpos de crianças e adolescentes em plena força da vida e os de pessoas com mais idade que transportam consigo outras leituras.

Quem tiver vontade de participar terá ensaios nos dias 25, 26, 27 e 28 de Fevereiro (em horário ainda a definir) e deverá estar presente nos três espectáculos, que acontecerão nos dias 1, 2 e 3 de Março, no TAGV.

Solicita-se a quem estiver interessado o favor de entrar em contacto com o TAGV, para o telefone 239855630, de segunda a sexta-feira, entre as 9h30 e as 12h30 e as 14 e as 18h, ou para o e-mail: teatro@tagv.uc.pt.

Quer-se que a Semana Cultural da Universidade de Coimbra seja de toda a Cidade. Por isso, a participação de todos é muito importante para a boa realização deste projecto.

Perspectiva histórica da República de Coimbra

Artur Ribeiro *

A “República de Coimbra” é, talvez, a mais antiga e genuína das instituições universitárias portuguesas, reportando-se as suas raízes à época medieval e ao acto de estabelecimento de “Estudo Geral” em Coimbra.

Do diploma régio de 15 de Fevereiro de 1309, inspirado na “*Charta Magna Privilegiorum*” que consagra os vastos privilégios e regalias concedidos aos escolares, ressalta a sentida preocupação de D. Dinis em prover ao alojamento e ao abastecimento em víveres dos estudantes e mestres da Universidade.

Em Coimbra, como em grande parte dos centros universitários da Europa Medieval, à escassez de casas para arrendar acrescia a relutância dos proprietários em arrendá-las aos estudantes por uma “renda justa”.

A solicitude dos monarcas para obviar a tais carências está bem patente nos muitos diplomas e cartas régios que ao assunto se referem. O próprio D. Dinis, por diploma de 1309, promove a construção de casas na zona de Almedina destinadas a serem arrendadas a estudantes e, de igual modo, incentiva os proprietários de casas a arrendá-las e a reconstruírem ou repararem as que estão ruínas, com o mesmo fim.

Ora, face a tal insuficiência de alojamento e, também, face à proverbial magra bolsa do estudante, mandam a lógica e a razão, admitir que tais casas, uma vez dadas de renda, seriam partilhadas, todas e cada uma, por vários escolares. Por outro lado, se, de acordo com o estabelecido pelos diplomas régios, os estudantes tinham acesso privilegiado à aquisição de mantimentos —

carne, pescado, pão e outros bens de primeira necessidade — acreditamos que aproveitariam bem tais privilégios. E, se partilhavam uma mesma morada com outros condiscípulos, mais fácil e menos oneroso seria partilharem também as refeições confeccionadas com os mantimentos adquiridos individual ou colectivamente.

Se tais aspectos de ordem económica são fundamentais na génese incipiente destas pequenas células comunitárias de estudantes, não o serão menos os aspectos de ordem psicológica, cultural, social e moral.

Desenraizados do ambiente familiar e do seu meio social de origem, os escolares de Coimbra pensariam na melhor fórmula para minorar tais inconvenientes e, de acordo com a lógica, terão aderido de forma espontânea ao viver comunitário, compensatório a todos os níveis. A vida em comum atenua a situação de desenraizamento, torna-se mais agradável pelo convívio que possibilita, cria laços de solidariedade e interdependência que conduzem à defesa de direitos e da integridade física e moral, contra intrusões externas e adversas e, ainda, permite a troca de conhecimentos e experiências entre os membros da comunidade.

É esta a nossa perspectiva acerca da génese das “Repúblicas”. E, se é verdade que o apelativo “República” é recente, remontando aos primórdios do Século XIX, não é menos verdade que esta singular maneira de viver comunitária, com toda a evolução de séculos, chegou, desde o tempo do primitivo “Estudo Geral”, aos nossos dias. Quando D. João III assumiu o propósito de

estabelecer definitivamente a Universidade em Coimbra, tomou, também ele, todas as providências no sentido de que fossem dados aos escolares a necessária morada e os mantimentos bastantes, para que a sua vida em Coimbra, sem outras preocupações, pudesse ser votada aos estudos e à reflexão. Acerca das medidas tomadas com tal propósito, são bem elucidativos os alvarás régios de 12 de Julho, de 25 de Outubro, de 8 de Novembro de 1537 e de 18 de Julho de 1541.

O monarca não só incentiva a construção de casas concedendo largas isenções de foros, taxas e tributos, mas, ele próprio tomou a iniciativa de mandar construir doze moradas naquela que viria a ser a rua nova de S. Sebastião. Ora, a arquitectura de tais casas, com onze divisões (incluindo uma sala comum) distribuídas por dois pisos, possuindo um pequeno quintal com cisterna, em anexo, evidencia a preocupação de providenciar moradas do tipo comunitário, onde seria possível alojar de oito a dez estudantes. E não foi esquecida a sala para usos comunitários como as refeições e o convívio dos inquilinos, aquela que ainda hoje é a parte mais importante da casa, nas actuais “Repúblicas”.

Se a fase embrionária das “Repúblicas” remonta aos tempos dionisinos, é D. João III quem, de alguma forma, com estas edificações, vai instituir as “primeiras repúblicas”, isto é, comunidades de estudantes que partilham a mesma casa, fruindo de igualdade de condições e comungando, eventualmente, de uma mesma refeição.

É, também, com D. João III, que surgem em Coimbra novas possibilidades de alojamento e de vida comunitária. Falamos dos colégios que, sempre acompanhados da solicitude régia, começam a proliferar na cidade, nesta época.

Se, na generalidade, eram propriedade de Ordens Religiosas, para que os seus membros viessem estudar na Universidade, havia também os

Colégios das Ordens Militares e os Colégios para clérigos pobres e para seculares.

Os colégios absorveram, para além dos seus próprios membros, muitos outros estudantes que, em boa parte, não tinham recursos bastantes para estudar.

Se a tradição é construída por usos e costumes que se enraízam ao longo dos tempos e se o uso e o costume radicam na repetição de certas acções, foi com o advento dos colégios que nasceram muitas das práticas da administração de uma “República”.

Desde os tempos dionisinos que alguns estudantes exerciam a actividade de taxadores de moradas que visavam a renda justa. Ora, muitos estudantes com poucos recursos foram admitidos nos colégios para prestar serviços à comunidade colegial onde eram designados por familiares. Viviam, regra geral, nos piores alojamentos e desempenhariam múltiplas tarefas, em regime de rotatividade e a par de outros escolares mais novos, como servir à mesa, arrumar a louça, acender as velas, fazer camas, varrer a casa, arrumar quartos, cozer pão, etc.. Possivelmente geririam também a dispensa, as compras, o refeitório, a cozinha, etc., como auxiliares dos colegiais.

Todas estas incumbências e atribuições terão influenciado, em muito, o modo de organizar, gerir, distribuir tarefas e fazer funcionar as comunidades de estudantes autogeridas.

Acerca deste assunto, e avançando no tempo, Ribeiro Sanches, em 1763, traça-nos o seguinte quadro: “Cada dois ou três estudantes têm uma ama, um e, às vezes, três criados;(...)”.

Este autor estará a referir-se a pequenas comunidades de escolares com certo poder económico porque, outras comunidades haveria em que o número de estudantes seria bem superior. Uma análise cuidada dos registos de matrículas

dá-nos, para esta época, um número médio de cinco residentes, nos casos de habitação partilhada. Todavia, Ribeiro Sanches introduz um novo elemento, a figura da “ama” que estará muito próxima da serviçal ou “servente” das “Repúblicas” do Século XX.

São vários os autores que apontam o surgimento das “Repúblicas Coimbrãs” para o início do Século XIX; entre eles estão Teófilo Braga, Borges de Figueiredo e Amílcar Ferreira de Castro.

Ora, efectivamente, se pensarmos apenas no apelativo “República”, ele terá surgido naquela época, remontando à revolução vintista e, mais particularmente, à implementação do Decreto de 28 de Maio de 1834, de Joaquim de António de Aguiar.

Na verdade, com a extinção dos colégios universitários e outras instituições de inspiração religiosa, foi vibrado um rude golpe no alojamento académico, reduzindo-se significativamente a oferta de morada para estudantes e professores, pois o decreto de extinção não foi acompanhado de qualquer política de realojamento ou oferta de alternativas. Deste modo, cresceu exponencialmente o número de estudantes à procura de alojamento e cresceu também, com isso, não só o número de casas arrendadas a estudantes, e, muito particularmente, o número de escolares por casa. Algumas destas comunidades integraram de oito a onze elementos.

Não é pois de admirar que seja esta a época sobre a qual mais se debruçam os investigadores que apontam este período como o do nascimento das “Repúblicas”, para minorar a crise de alojamento. Todavia, manda o bom-senso pensar que estas comunidades de estudantes não podem ter sido

geradas espontaneamente numa dada época e pelo motivo específico que a marcou. Toda a organização interna de uma “República”, o espírito de grupo, o tipo de economia doméstica comunitária e todas as outras especificidades inerentes às “Repúblicas” não surgem por geração espontânea mas pelo acumular de experiências alicerçadas no uso, no costume e na tradição construídos ao longo de séculos.

O que se disse dos tempos de D. Dinis e seus sucessores, da época de D. João III, etc., é fundamental para compreender toda a evolução que se verificou até ao Século XIX, no âmbito destas células familiares estudantis.

Digamos que esta época tem a marcá-la alguns novos elementos na evolução das “Repúblicas”: Com a diminuição da oferta de alojamento, aumenta o número de comunidades de escolares a residir em casas arrendadas; o número de elementos de cada comunidade tem também um aumento tendencial; a organização interna, sofre alguns reajustamentos derivados dos novos tempos; surge o nome de “República”, muito apropriado também à época, e que deverá provir do facto de estas comunidades familiares terem um governo semelhante ao dos estados republicanos.

Nos seus aspectos essenciais pode dizer-se, que apesar de toda a evolução da sociedade portuguesa e, concomitantemente, da sociedade tradicional académica de Coimbra, as “Repúblicas Coimbrãs” mantiveram as características que presidiram às suas origens e, pelos séculos fora, outras adquiriram, frutos do uso, do costume e da tradição, constituindo, no seu todo, um edifício assente na organização, no funcionamento, na particularidade e na pluralidade.



É toda esta ambiência de “Vida em República” que vimos encontrar já no Século XX e que vem ser perturbada na sua existência em finais da década de quarenta. Um novo e rude golpe se abate sobre o alojamento estudantil nesta época. A demolição de grande parte da “Alta” para construção dos novos edifícios da “Cidade Universitária” transformou-se numa situação tão grave que, em Fevereiro de 1948, foi mandada suspender a ordem que determinava o despejo urgente de todas as casas da “Alta” onde residiam estudantes. É que, sem alternativas imediatas, como poderiam os estudantes, em meio do ano, encontrar novas casas para onde pudessem transferir-se.

Já o mesmo acontecera com o Decreto de Joaquim António de Aguiar. O parque habitacional não primava pelo excesso. Pelo contrário, as carências eram bem visíveis.

Foi neste contexto e face aos graves problemas com que os estudantes se depararam que nasceu

o “Conselho das Repúblicas”, um organismo, não de tutela, mas de aglutinação em torno do “Ideal Republicano”, o qual procuraria responder às dificuldades das “Repúblicas”, no seu conjunto.

Mas, do camartelo da “Alta” e de alguma dispersão por ele provocada, o ideal republicano prevaleceu e, quase direi, reforçou-se. Depois de passada a tormenta, novas “Repúblicas” vieram a ser fundadas, ou não fosse este o mais tradicional modo da vida académica e o mais seguro baluarte das suas tradições.

Actualmente são cerca de trinta as “Repúblicas” existentes em Coimbra. E, se os tempos mudaram e a sociedade portuguesa sofreu grandes transformações, estas comunidades académicas, evoluindo embora, mantiveram-se idênticas a si mesmas, constituindo uma espécie de classe dentro da classe académica, com os seus problemas próprios, o seu espírito próprio e os seus interesses específicos.

* *Museu Académico*

Criação Literária

SEIS POEMAS DE GOA

1. Atravesso
Devagar
A ponte
Dos Portugueses.
Tem cinco séculos.

Uma saudade de pedra.

2. Terra vermelha.
Verde o arroz.
De chumbo
Um céu dourado.
Sortilégios
Multicolores.

3. Dia da cobra:
Ninguém trabalha.
Respeita,
Diz-me o jardineiro,
E serás
Respeitado.

4. Bairro das Fontaínhas:
Sinto-me em casa.
A paisagem
Respira-se
Como quem
Saúda um vizinho.

5. Bovinamente altivos
Os búfalos
Pisam os campos
Do arroz.
Seu território
Percorrem.

6. Festa do Ganesh.
Cumprida a missão
Deslizam
Depois
De tromba diversa
Pelas águas do Mandovi.

Lugar dos Livros

Título: Félix de Avelar Brotero. Uma História Natural

Autor: Cristina Castel-Branco

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2007

Brotero é apresentado neste livro como um cientista muito marcado pelos anos que viveu em Paris e pela oportunidade que aí teve de conhecer cientistas como Daubenton, Antoine de Jussieu, Buffon e Lamarck. O prestígio internacional de Brotero é reconhecido por eminentes botânicos contemporâneos, ao atribuírem o seu nome a diversas espécies vegetais. As boas relações internacionais que construiu acabaram por lhe granjear o apoio necessário para a execução de algumas das suas obras em Portugal. Sem este apoio, talvez não tivesse conseguido enfrentar muitas adversidades, nomeadamente as contradições mesquinhas que dominavam o meio académico português.

Título: Uma Biblioteca Fascista em Portugal

Autor: Jorge Pais de Sousa

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2007

Se uma biblioteca desempenha um papel primordial no sistema de organização e reprodução do saber, que nela se desdobra como num espelho límpido, o seu significado é intensamente plasmado pelo uso que dela é feito ao longo dos tempos. O Fundo Fascista acompanha toda a história da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a partir de um momento nodal, tendo em

linha de conta que a Sala Italiana foi fundada em 1928. Guarda tesouros da sua memória, documentando a história da Academia, do seu enquadramento internacional, do ensino nela ministrado e do lugar nesse quadro ocupado pelos estudos italianos, entre estratégias de visibilidade e de ocultamento.

Título: O Órgão Barroco da Capela da Universidade de Coimbra (2.^a Edição Bilingue)

Autor: Joel Canhão, Marco Daniel Duarte

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2007

Património artístico da mais pura água e memória de um passado recente vertido em beleza, o órgão da capela da Universidade de Coimbra constitui uma peça rara cuja divulgação é imperativo da presente monografia. Longe de se tratar de um estudo exaustivo, pretendeu-se uma exposição breve e atraente capaz de captar o mais vasto público. Desde a história de construção à selecção dos elementos fundamentais da sua fábrica, entre os quais assume destacada relevância o único manual para o comando de três secções, passando pela sua filiação ibérica até ao uso dos pedais cujo emprego é acompanhado de sugestões, pelas madeiras e metais mais utilizados, até à forma e posição dos tubos, são exemplo de alguns aspectos focados.

Não ficaram também por referir questões do foro estético ligadas à audição e ao visual, duas vertentes aqui profundamente apelativas, designadamente a

excelência de qualidade sonora de alguns flautados e a riqueza luxuriante do trabalho de talha que emoldura o órgão.

Nesta moldura artística, pode apreciar-se uma verdadeira máquina de ouro que se faz forma de um mundo de ideias a que subjaz toda uma cultura visual assente na maneira de entender o cosmos cristológico na Idade Moderna. As possantes conchas douradas, as cartelas e palmas, os teatrais panejamentos fingidos, as enigmáticas “*chinoiseries*”, os anjos músicos, as trombetas esculpidas e, sumamente importante, o “magnânimo” brasão que tomam como “*habitat*” a bacia, o lugar do organista e o coroamento da caixa do órgão da capela de São Miguel da Universidade de Coimbra formam uma gigantesca escultura que, em sintonia com os sons do instrumento, constitui, na sua materialidade e na sua imaterialidade, uma das mais interessantes páginas da parenética barroca portuguesa.

Título: Teoria da Educação – contributos ibéricos

Coordenadores: J. Boavida, A. G. Dujo

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2007

O presente livro congrega múltiplas perspectivas sobre o fenómeno educativo, levadas a cabo por numerosos professores e investigadores de Portugal e de Espanha, em trabalhos individuais e colectivos nos domínios da teoria e da filosofia da educação. Congregando representantes de vinte e duas universidades da Península Ibérica, os trabalhos reflectem uma multiplicidade de abordagens teóricas da educação, dando uma visão global do que nesta realidade cultural e geográfica do oeste europeu hoje se pensa sobre o assunto. É, pois, uma excelente ocasião para aprofundar estes temas e perspectivá-los sob pontos de vista inovadores e férteis.



Temas

120 ANOS DA AAC

Na hora do balanço das comemorações

É mesmo possível ir “para além da utopia”

Joel Vasconcelos *

Exactamente a 3 de Novembro de 1887 foi fundada a mais antiga e maior Associação de Estudantes do País: a Associação Académica de Coimbra. Os seus valores pautaram-se sempre pela firmeza, pela irreverência e pela solidariedade. Passando por vários edifícios até ao actual, saliento o edifício da Rua Larga, destruído aquando da demolição da velha Alta, em finais dos anos quarenta. A Rua Larga ficou tanto na memória dos estudantes que por lá viviam o seu quotidiano académico, que deu origem ao conhecido Fado de Coimbra, “Rua Larga”:

“Rua Larga é uma saudade
De tempos idos, distantes
Balada de mocidade
Dos antigos estudantes

Tens lá no céu um altar
Coimbra com outra lua
Velas da cor do luar
Das pedrinhas dessa Rua”

Falar dos 120 anos de história da Associação Académica de Coimbra é lembrar os momentos que construíram a identidade desta instituição única, sem nunca nos esquecermos das dezenas de gerações de estudantes que os tornaram possíveis. Sem destacar nenhum deles, momentos e pessoas, porque todos são importantes.

Uma “casa” como a nossa Académica não se constrói por algumas datas que, por tradição, temos ten-dência a lembrar com maior ênfase. Constrói-se diariamente, com o contributo de todos aqueles que militantemente dedicam horas, dias e vidas a servir a causa da AAC. A maior homenagem e comemoração possível nos 120 anos da AAC é, pois, para os construtores abnegados do sonho colectivo que é a Académica, os de hoje e os de ontem.

Uma comemoração com objectivo

Quando, no dia 24 de Março último, avançámos para as comemorações dos 120 anos da AAC, tínhamos já definido um conjunto de objectivos: primeiro, que elas não se limitassem a um conjunto de iniciativas festivas de carácter saudosista (certamente que quisemos recordar a história, mas com



o objectivo de motivar as actuais gerações de estudantes na construção da academia do futuro); segundo, que fossem um pólo dinamizador da actividade cultural e desportiva das secções, organismos autónomos, grupos académicos e núcleos de estudantes; terceiro, permitir a reaproximação da Associação Académica aos antigos estudantes da Universidade de Coimbra; quarto, reafirmar a vertente solidária da Academia de Coimbra; quinto, afirmar a Académica de Coimbra como uma instituição única, espaço de formação extra-curricular decisivo na afirmação nacional da inigualável Universidade de Coimbra.

Esteve também subjacente ao projecto dos 120 anos a necessidade de, cumprindo os objectivos atrás elencados, reafirmar a Associação Académica no plano associativo e social nacional. Uma associação que, sendo de estudantes, respira dos pulmões da Universidade e irriga com o seu sangue as artérias da cidade; uma associação que, sendo de Coimbra, chega ao coração de muitas cidades do país e de fora dele, capaz de agrupar multidões e despertar emoções únicas. Uma instituição de reconhecido papel cívico e político, capaz de entregar toda a sua coragem, generosidade e espírito combativo às causas do povo português.

Tentando responder aos objectivos que foram definidos, a comissão organizadora das comemorações deste aniversário da AAC lançou mãos à obra, desafiando todas as estruturas da AAC a envolverem-se neste projecto, elaborando um plano de actividades, procurando parcerias, apoios e patrocínios, dinamizando a imagem e o lema deste aniversário.

Um aniversário, uma imagem

A imagem dos 120 anos da AAC é resultado de um concurso em que participaram dezenas de estudantes. O trabalho vencedor foi desenvolvido por Ivo Gomes e tem a sua própria história, surgindo da junção de dois símbolos que a Académica conheceu.

O primeiro, em formato redondo com as iniciais AAC inscritas no seu interior, foi bordado nas camisolas pretas da equipa que defrontou, em Lisboa, o Sporting Clube de Portugal, em 1926, e que foi utilizado uma só vez, porque, a equipa de futebol da Académica saiu derrotada desse encontro por uma larga diferença de golos e, supersticiosamente, entendeu-se que teria sido esse símbolo, usado pela primeira vez, que teria causado essa derrota. O segundo e actual, encomendado pela Direcção da Associação Académica de 1927-28 a Fernando Pimentel.

Da autoria de António Barros, o lema das comemorações dos 120 anos da Associação Académica de Coimbra sintetiza a identidade de uma instituição irreverente, jovem e, conseqüentemente, sonhadora. De facto, a luta por objectivos, apelidados por outros como utopias, foi e é uma constante da vida e acção da AAC. A liberdade, a democracia, a universidade autónoma e gerida democraticamente, o ensino considerado como um direito e não como um privilégio para alguns, foram alguns dos sonhos que a luta e a persistência da Académica de Coimbra transformaram em realidades. Realidades que tantas vezes são postas em causa no presente, fazendo sentido, hoje mais do que nunca, afirmar a ideia de que é possível ir “para além da utopia”!



Foto: Paulo Abrantes

Secção e Fotografia da AAC

2007

Dez meses depois...

Se muito foi feito, outro tanto ficou por fazer. Dez meses depois, do muito que pessoalmente tive a oportunidade de aprender e compreender, fica uma nota que sobressai de todas as outras: “É impossível comemorar algo que não é comemorável, por muito que façamos ou tentemos fazer”.

A riqueza do passado e do presente da Associação Académica de Coimbra, as vivências que ela proporcionou e proporciona, são únicas e não são passíveis de cerimónias comemorativas nem de simulações repetitivas.

Depois de muitas exposições e debates realizados, jantares e galas, torneios desportivos, publicações editadas, o melhor balanço que consigo e posso fazer é o desafio a todos os actuais e antigos estudantes para que continuem a contribuir com os seus sonhos e utopias na construção da Académica do presente e do futuro!

** Presidente da Assembleia Magna e responsável pelas comemorações dos 120 anos da AAC*

Névia Vitorino, um dos guionistas

da gala de encerramento dos 120 anos da AAC

“Foi tudo feito com muita paixão!”

Entrevista por João Mesquita

“Era uma vez...

Uma jovem de 18 anos. Determinada, inteligente, decidida, preparava-se para embarcar na aventura do Ensino Superior.

O avô. Sábio, experiente, informado. Preocupado com o futuro e com as escolhas da neta.

Neste momento de decisão, envolvem-se numa conversa sobre as opções e os desafios que se colocam a esta jovem.

A neta procura uma formação de excelência e a especialização na área de estudos que escolheu prosseguir. O avô insiste na importância de uma boa formação pessoal e humana. Elege a Universidade de Coimbra e a Associação Académica como garantia de um futuro mais promissor.

Este é o ponto de partida para a nossa estória.

Uma história feita por campeões: de futebol, de remo, de basquetebol, de hóquei em patins...

Uma história marcada pela excelência: no teatro, na música, na poesia, no canto, no fado...

120 anos de lutas: académicas e estudantis, mas também sociais e políticas e de âmbito nacional.

120 anos de História que queremos celebrar. Mas com olhos no Futuro”.

Esta, foi a sinopse da gala que encerrou, na noite de 3 de Novembro de 2007, as comemorações dos 120 anos da Associação Académica de Coimbra (AAC) e que encheu o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). Autores: uma pequena equipa, integrando a “Grif Portugal” — empresa promotora de eventos nascida em Coimbra em 2006, que já organizara os bailes de gala e os chás dançantes das duas últimas Queimas das Fitas e quem tem entre os seus três sócios um economista e dois arquitectos, o mais velho dos quais ainda não chegou aos 40; Névia Vitorino, uma jornalista de 31 anos, conimbricense de “gema”, actualmente no desemprego e a acabar a licenciatura em jornalismo na Faculdade de Letras coimbrã, depois de ter trabalhado seis anos para a TVI, de ter sido directora de informação da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) e colaborado com jornais da cidade; João Moreira, também de Coimbra, mas uns anitos mais novo do que Névia, colaborador da SIC-Radical e frequentador de um curso no TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), após ter concluído um curso na ARCA e ainda um outro, de escrita criativa, em Lisboa; e, finalmente, Pedro Malacas, rapaz igualmente na casa dos 20 e tais anos, o único que não nasceu em Coimbra, mas que em Coimbra já leva umas temporadas como autor e encenador, não apenas no TEUC, como noutras companhias. Actores: Ana Beirão e António Mortágua, membros do TEUC, para não variar.

Rua Larga falou com Névia Vitorino. Semanas depois da gala, a jornalista continua a falar da iniciativa com evidente entusiasmo. “Foi tudo feito com muita paixão!”, garante. Por si e “pondo a mão no lume” pelo resto da equipa.

Como é que nasceu a ideia desta gala?

Falo pelo que sei. Fui convidada pelo João [ndr: João Gouveia, o economista da “Grif Portugal”, antigo membro da Assembleia de Representantes e do Conselho Directivo da Faculdade de Economia da UC, ex-presidente da secção de fado da AAC, e velho membro da Estudantina, da Orquestra Típica e do Rancho da mesma casa], numa base um bocado pessoal. Éramos amigos, ele sabia que eu estava desempregada, conhecia a minha ligação à escrita e à Associação Académica... Pelo que percebi,



Foto: Paulo Abrantes

Secção de Fotografia da AAC

2007

a ligação à AAC foi uma coisa que eles [ndr: a empresa promotora do evento] procuraram muito. Pareceu-me que não escolheram as pessoas à toa.

Quando aconteceu esse convite?

Em meados de Agosto, quando eles ainda nem sabiam se o projecto que tinham apresentado seria o seleccionado. Só em Setembro, houve uma decisão oficial da DG (Direcção Geral da AAC). A 10, estávamos a fazer a primeira reunião.

Já com a equipa completa?

Sim, sim.

E que metodologia seguiram na elaboração do guião, para a qual dispunham, ainda por cima, de muito pouco tempo?

O primeiro passo, naturalmente, passou por nos documentarmos sobre os 120 anos da AAC, sempre com uma grande preocupação com a verdade histórica. A parte que foi até 1969 revelou-se relativamente fácil, uma vez que, apesar de tudo, já há muita coisa escrita. Mais difícil, talvez paradoxalmente, foi “agarrar” na luta contra as propinas de 92, já que o único recurso disponível foi, quase sempre e só, a imprensa da época. Está muito por contar sobre este período! Se calhar, porque sendo uma luta ainda não acabada, não permite o suficiente distanciamento de análise. Para efeitos da gala, optámos por a situar entre a eleição do Vigário [ndr: António Vigário, então presidente da AAC] e a grande manifestação de 18 de Novembro de 92, que termina frente à Assembleia da República, em Lisboa.

Não havia nada previamente estabelecido?

Estava definido que o espectáculo não podia durar mais de duas horas e que devia centrar-se em quatro momentos marcantes: a fundação da AAC e a greve [ndr: republicana e progressista] de 1907; a “Tomada da Bastilha”, ou seja, a conquista de instalações para a Associação, em 25 de Novembro de 1920; a “crise” de 69; e a primeira grande luta contra as propinas, já nos anos 90. Estava estabelecido, além disso, que a fórmula de relatar esses episódios passaria por um diálogo entre um avô e a sua neta. Inicialmente pensou-se num pai, mas depois a ideia evoluiu para a escolha de alguém mais maduro, capaz de ainda recordar coisas mais antigas...

E as secções da AAC, como surgiram?

Foram surgindo espontaneamente, à medida que o texto foi sendo construído.

Nem todas...

Algumas ficaram de fora, precisamente, porque era difícil enquadrá-las no texto. Outras, porque já tinham os seus compromissos, agravados pelos nossos constrangimentos de tempo. Mesmo assim, dos oito organismos autónomos existentes, só não participou um: o Círculo de Artes Plásticas; entrevistaram cinco secções desportivas (boxe, ginástica, halterofilismo, judo e karaté) e outras tantas, culturais (cinema, informática, jornalismo, RUC e TV AAC). No total, passaram mais de 250 pessoas por cima do palco.

E como correu a relação entre os guionistas e as secções?

Foi fantástica! Sem as secções, a gala não tinha sido possível. A primeira reunião com elas, para apresentar a ideia e avaliar a respectiva disponibilidade, efectuou-se a 27 de Setembro, dois dias depois da conclusão do guião e, precisamente, porque não lhes podíamos dar menos de um mês para trabalharem. Mesmo assim, ninguém disse que não. O pior que aconteceu foi algumas dizerem que já tinham compromissos anteriormente assumidos. Mas todas, sem excepção, foram referidas no espectáculo, através dos projectores que iam passando as imagens. E a maior parte dos seus responsáveis assistiu à gala. Houve um esforço muito grande da nossa parte em sermos o mais inclusivos possível. E verificou-se, em contrapartida, um grande empenhamento das secções.

Nota-se que ficaram satisfeitos com o resultado...

Muito satisfeitos — aqui, creio que posso falar por toda a gente. A gala representou um esforço tremendo, só possível devido ao grande espírito de empenhamento e de amor à AAC por parte de quantos nela participaram, de uma maneira ou de outra. O Orfeão, por exemplo, tinha uma digressão à Polónia e nem por isso deixou de ensaiar especificamente para a gala. Aliás, o que se viu em palco foi muito idealizado pelas secções e pelos organismos. Superou largamente as nossas expectativas. Todos os dias verificávamos a aposta deles em que se fizesse uma coisa bonita e bem feita — que ficasse realmente para a história das comemorações dos 120 anos da AAC —, e não apenas mais uma coisa que se pudesse dizer que se fez.

Sentem-se, portanto, compensados?

Claramente compensados. Mesmo as secções souberam dizer-nos da sua satisfação. Os espectadores... creio que a maioria ficou surpreendida. Estavam à espera de um sarau normal e saiu-lhes aquilo...

Mas houve críticas...

A maior foi a de que faltou isto ou aquilo: o 25 de Abril, a crise de 62, a Queima das Fitas... Mas nós tínhamos de fazer uma selecção. Para entrar alguma dessas datas ou desses acontecimentos, tinha de sair outra coisa qualquer. Esta, foi a nossa opção.

Vossa ... e da empresa promotora...

... Com que nós nos identificámos completamente.

Já agora, como se processaram os ensaios?

As secções ensaiaram por Outubro fora. O primeiro e único ensaio geral ocorreu entre as quatro da tarde de 2 de Novembro e a uma e meia da madrugada de 3. Era para ter havido um outro no dia anterior, mas não havia disponibilidade do TAGV. Não foi fácil. Saí de lá muito preocupada. Se calhar, porque as minhas expectativas também eram muito grandes.

Mas depois, no espectáculo propriamente dito, não se notaram grandes falhas...

Pois não. Às tantas, foi mais uma prova de que a um mau ensaio se sucede sempre um bom espectáculo... E dizer que foi um mau ensaio é um bocado de mais. Eu diria que foi... preocupante. Pelo menos para mim, que me vi nisto pela primeira vez.



Deliberações do Senado

• SESSÃO PLENÁRIA DE 10 DE OUTUBRO 2007

Deliberação n.º 53/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre, correspondente ao 2.º Ciclo de Estudos, em Serviço Social, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

Deliberação n.º 54/2007

Aprova, como regime de excepção ao Regulamento do Pagamento de Propinas de Formação Pós-Graduada na Universidade de Coimbra, a generalização do pagamento anual de propinas a todos os 2.ºs Ciclos de Estudos.
A proposta foi apresentada pela Secção de Planeamento, Gestão e Património, com base na análise do documento n.º 52/2007, proposto pela Faculdade de Economia.

Deliberação n.º 55/2007

Aprova a alteração à tabela de emolumentos da Universidade de Coimbra, no que se refere às taxas a cobrar por equivalências e reconhecimentos de graus, cursos ou disciplinas concluídos fora da Universidade de Coimbra.
A proposta, (Doc. n.º 55/2007 – Proposta B), foi apresentada pela Administração da Universidade.

Deliberação n.º 56/2007

Aprova o Regulamento a que se refere o artigo 172.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de Setembro.
A proposta (Doc. n.º 54/2007) foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 57/2007

Aprova a moção que prevê a delegação da competência da designação da Comissão Eleitoral, prevista no número 5 do Regulamento a que se refere o artigo

172.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de Setembro, numa Secção Ad hoc constituída pelos Presidentes dos Conselhos Directivos e dos Conselhos Científicos de todas as Faculdades e por três estudantes indicados pela Direcção-Geral da AAC.

Deliberação n.º 58/2007

Aprova a proposta de concessão do título de Doutor Honoris Causa ao Senhor Professor Doutor Henrique Moreno Gonzalez.
A proposta, (Doc. n.º 53/2007), foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

Deliberação n.º 59/2007

Ratifica a eleição intercalar, pelos seus pares, da seguinte estudante para integrar a Secção de Ensino e Pedagogia: Ana Beatriz Rodrigues da Silva.

SESSÃO PLENÁRIA DO SENADO DE 7 NOVEMBRO 2007

Deliberação n.º 60/2007

Aprova um voto de saudação e de vivo agradecimento à Senhora Doutora Maria Helena Duarte Henriques Goulão pelos serviços que prestou à Universidade de Coimbra, nomeadamente na qualidade de membro do Senado.

A proposta (Doc. n.º 68/2007), foi apresentada pelo Vice-Reitor, Professor Doutor António José Avelãs Nunes.

Deliberação n.º 61/2007

Aprova o Regulamento do Segundo Ciclo de Estudos, conducente ao grau de Mestre, da Faculdade de Letras.
A proposta (Doc. n.º 56/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 62/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Design e Multimédia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 58/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 63/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Design e Multimédia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 59/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 64/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ciências da Terra, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.
A proposta (Doc. n.º 60/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 65/2007

Aprova a reformulação da proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Ciências do Desporto, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.
A proposta (Doc. n.º 61/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Deliberação n.º 66/2007,

de 7 de Novembro

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Direito, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 63/2007), foi apresentada pela Faculdade de Direito.

Deliberação n.º 67/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 64/2007), foi apresentada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Deliberação n.º 68/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Educação Social, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 65/2007), foi apresentada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Deliberação n.º 69/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.
A proposta (Doc. n.º 66/2007), foi apresentada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Deliberação n.º 70/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Ciências da Saúde, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.
A proposta (Doc. n.º 67/2007), foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

SESSÃO PLENÁRIA
DO SENADO DE
12 DEZEMBRO 2007

Deliberação n.º 71/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Alimentação – Fontes, Cultura e Sociedade, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 74/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

*Deliberação n.º 72/2007,
de 12 de Dezembro*

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Estudos Literários e Culturais, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 75/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 73/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Gestão e Programação do Património Cultural, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 76/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 74/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em História da Arte, Património e Turismo Cultural, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 77/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 75/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Informação, Comunicação e Novos Media, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 78/2007),

foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 76/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Poesia e Poética, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 79/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 77/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Estudos Ibéricos, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 127/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 78/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Estudos Americanos, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 80/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 79/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Estudos Clássicos – Mundo Antigo, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 81/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 80/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Estudos Feministas, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 82/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 81/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Identidades,

Práticas e Representações no Mundo Contemporâneo, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 83/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 82/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Turismo, Lazer e Cultura, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 84/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 83/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Arqueologia e Território, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 93/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 84/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Estudos Americanos, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 94/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 85/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Estudos Clássicos – Cultura Clássica (b-learning), de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 95/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 86/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em História das Ideologias e das Utopias Contemporâneas, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 96/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 87/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em História, Especialização em Museologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 97/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 88/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Linguística: Investigação e Ensino, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 98/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 89/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Património Europeu, Multimédia e Sociedade de Informação, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 99/2007), foi apresentada pela Faculdade de Letras.

*Deliberação n.º 90/2007,
de 12 de Dezembro*

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Altos Estudos Contemporâneos (História Contemporânea e Estudos internacionais Comparativos), de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 100/2007) foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 91/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Poética e Hermenêutica, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 101/2007)

foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 92/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Estudos de Tradução, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 102/2007) foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 93/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Filosofia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta (Doc. n.º 113/2007) foi apresentada pela Faculdade de Letras.

Deliberação n.º 94/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Administração Pública, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 92/2007), foi apresentada pela Faculdade de Direito.

Deliberação n.º 95/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Administração Público - Privada, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 103/2007) foi apresentada pela Faculdade de Direito.

Deliberação n.º 96/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Direito, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 104/2007) foi apresentada pela Faculdade de Direito.

Deliberação n.º 97/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Geriatria,

de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 105/2007) foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

Deliberação n.º 98/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Medicina do Desporto, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 106/2007) foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

Deliberação n.º 99/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Medicina Legal e Ciências Forenses, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 107/2007) foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

Deliberação n.º 100/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Saúde Ocupacional, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 108/2007) foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

Deliberação n.º 101/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Saúde Pública, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 109/2007) foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

Deliberação n.º 102/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciatura em Conservação e Restauro, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 87/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 103/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Conservação e Restauro, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 88/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 104/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Engenharia Automóvel, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 89/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 105/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Aplicações Industriais de Polímeros, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 90/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 106/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Energia para a Sustentabilidade, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 91/2007), foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 107/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Estruturas de Engenharia Civil, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 110/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 108/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Segurança aos Incêndios Urbanos,

de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 111/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 109/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Antropologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 114/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 110/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Biologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 115/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 111/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Bioquímica, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 116/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 112/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Física, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 117/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 113/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Geologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 118/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 114/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Matemática, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 119/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 115/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Licenciado em Química, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 120/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 116/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Biologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 121/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 117/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Matemática, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 123/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 118/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Biologia Celular e Molecular, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 124/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 119/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ecologia, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 125/2007)

foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 120/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Engenharia Física, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 126/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 121/2007

Aprova a proposta de alteração do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Engenharia Química, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março. A proposta (Doc. n.º 122/2007) foi apresentada pela Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Deliberação n.º 122/2007

Aprova a proposta de criação de MBA em Marketing – Programa de Estudos Avançados em Marketing, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 85/2007), foi apresentada pela Faculdade de Economia.

Deliberação n.º 123/2007

Aprova a proposta de criação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Marketing, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 86/2007), foi apresentada pela Faculdade de Economia.

Deliberação n.º 124/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Gestão e Economia da Saúde, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 112/2007) foi apresentada pela Faculdade de Economia.

Deliberação n.º 125/2007

Aprova a proposta de adequação do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Doutor em Ciências

do Desporto, de acordo com o Decreto-Lei 74/2006, de 24 de Março.

A proposta (Doc. n.º 130/2007) foi apresentada pela Faculdade de Economia.

Deliberação n.º 126/2007

Aprova a proposta de Regulamento de Disciplinas Isoladas da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

A proposta (Doc. n.º 73/2007) foi apresentada pela Faculdade de Direito.

Deliberação n.º 127/2007

Aprova a proposta de Regulamento de Frequência de Unidades Curriculares Isoladas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

A proposta (Doc. n.º 129/2007) foi apresentada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Deliberação n.º 128/2007

Aprova a proposta de atribuição do grau de Doutor Honoris Causa ao Senhor Professor Doutor Walter Osswald.

A proposta (Doc. n.º 70/2007) foi apresentada pela Faculdade de Medicina.

Deliberação n.º 129/2007

Aprova a proposta de Regulamento do Pagamento de Propinas da Universidade de Coimbra. A proposta (Doc. n.º 131/2007) foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 130/2007

Aprova a proposta de Quadro de Pessoal do Centro de Tecnologias Nucleares Aplicadas à Saúde.

A proposta (Doc. n.º 132/2007) foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 131/2007

Aprova a proposta de criação de uma Unidade Orgânica da Universidade de Coimbra designada Tribunal Universitário Judicial e Europeu (TUJE).

A proposta (Doc. n.º 72/2007) foi apresentada pela Reitoria.

Deliberação n.º 132/2007

Ratifica a eleição intercalar, pelos seus pares, do seguinte estudante para integrar o Conselho Administrativo da Universidade de Coimbra: João André Reigota Gomes.

Deliberação n.º 133/2007

Ratifica a eleição intercalar, pelos seus pares, do seguinte estudante para integrar o Conselho Editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra: Rui Emanuel Rosa de Brito Xavier.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

T2: Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

T3: Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC www.uc.pt/antigos-estudantes, ou pela Internet em www.uc.pt/rualarga.

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



Parceiro: As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



Aliado: As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em www.uc.pt/gats





MIL SORRISOS



MIL SENTIMENTOS



MIL PROJECTOS



MIL CAMINHOS



MILHÕES DE CLIENTES



MILHÕES DE SONHOS

Millennium
bcp

A vida inspira-nos